

*A Santa Mãe Igreja
é a Nova e Celestial Jerusalém,
não edificada por mão de homens,
mas pelo mesmo Deus;
engalanada com todos os dons,
frutos e carismas do Espírito Santo
que Jesus enviou-lhe desde o Pai,
no dia de Pentecostes*

** * **

*Igreja carregada de penas
com Cristo em Getsêmani,
e Igreja gloriosa e triunfante
com Cristo ressuscitado e glorioso*

** **

*Porque sou mais Igreja que alma
não posso viver sem Bispo
como não posso viver sem Deus*

Sob a Sede de Pedro

Mãe

Trinidade de la Santa Madre Iglesia

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*A Santa Mãe Igreja
é a Nova e Celestial Jerusalém,
não edificada por mão de homens,
mas pelo mesmo Deus;
engalanada com todos os dons,
frutos e carismas do Espírito Santo
que Jesus enviou-lhe desde o Pai,
no dia de Pentecostes*

* * *

*Igreja carregada de penas
com Cristo em Getsêmani,
e Igreja gloriosa e triunfante
com Cristo ressuscitado e glorioso*

* *

*Porque sou mais Igreja que alma
não posso viver sem Bispo
como não posso viver sem Deus*

*

Sob a Sede de Pedro



NOTA.- Podem existir discontinuidades na numeração por causa da eliminação de páginas em branco para esta edição digital.

Título original em espanhol:

"La Santa Madre Iglesia es la Nueva y Celestial Jerusalén"

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 10-2-2006

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e do livro publicado:

«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2006 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA

1ª Edição espanhola: maio 2001

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149

Via Vigna due Torri, 90

Tel. 06.551.46.44

MADRID - 28006

C/ Velázquez, 88

Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org

www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

ISBN: 978-84-86724-82-5

Depósito legal: M. 48.266-2007

**A SANTA MÃE IGREJA
É A NOVA E CELESTIAL JERUSALÉM,
NÃO EDIFICADA POR MÃO DE HOMENS,
MAS PELO MESMO DEUS;
ENGALANADA COM TODOS OS DONS,
FRUTOS E CARISMAS DO ESPÍRITO SANTO
QUE JESUS ENVIOU-LHE DESDE O PAI,
NO DIA DE PENTECOSTES**

Ó soberania do Infinito Poder...! Ó excelência excelsa e consubstancial da Família Divina...!

Ó esplendor da magnificência d'Aquele que É!; que, sendo e tendo em si, por si e para si, a sua mesma razão de ser, quer livre e voluntariamente, num derramamento da sua infinita vontade, doar-se, cheio de compaixão, ternura e amor em transbordamento de misericórdia infinita, ao homem;

criado à sua imagem e semelhança e segundo o seu eterno desígnio, para que o viva aqui em fé, e no amanhã da Eternidade possa chegar a possuí-lo no esplendor eterno e consubstancial da sua mesma perfeição; chegando a ser santo com a santidade do mesmo Deus, seu filho e herdeiro da sua glória;

entrando a participar da sua mesma vida: olhando-o com os seus Olhos, introduzido nos Fogaréus da sua Sapiência consubstancial e divina, cantando-lhe, com a sua mesma Canção, as suas infinitas perfeições no concerto melódico dos seus inéditos, sublimes e divinos teclares; e abrasando-se no amor inter-comunicativo do Pai e do Filho, o Espírito Santo: Beijo de amor inter-retornativo do Pai e do Filho; beijando-o com a sua Boca e amando-o com o seu fogo amoroso em saboreamento desfrutador do seu mesmo gozo e na embriaguez divina e divinizante da sua mesma Divindade.

E para isto, mediante um portentoso insuspeitado e transbordante de compaixão, amor e ternura para com a humanidade caída, pela vontade do Pai e sob o impulso do Espírito Santo, «o Verbo se fez Homem e habitou entre nós»¹.

Realizando-se isto de um modo tão maravilhoso e subjugante para a manifestação do esplendor da glória de Iahweh; que, mediante a união da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, Deus rompeu em cantares de inéditas e divinas melodias pelo seu Unigênito Filho Encarnado, Cantor eterno das suas inexauríveis, inefáveis e infinitas perfeições.

Unindo-se Deus com o Homem em desponsórios eternos de forma tão sublime e transcen-

¹ Cf. Jo 1, 14.

dente que o Filho de Deus é tão Deus como homem e tão homem como Deus.

Mistério insondável e inimaginável, em esbanjamento de dons eternos!; sendo Ele mesmo o Dom que se entrega, o Santo que, morando conosco, põe o seu Santuário entre os homens, para que o homem, volvido para Ele, responda-lhe em adoração reverente de retorno amoroso.

Segredo surpreendente! que se nos manifesta pelo infinito poderio d'Aquele que É no mistério e pelo mistério da Encarnação, cheio de dons eternos; no qual e pelo qual Deus diz-se nos em soletração divina e humana no seu romance de amor, doando-se à humanidade caída, a qual restaurou num esbanjamento amoroso com o preço do seu Sangue divino.

Mistério tão cheio de compaixão em transbordamento de amor misericordioso que, durante todos os tempos, do modo e da maneira que em seu infinito pensamento o quis e determinou, Iahweh, Aquele que É, pôde dizer em cumprimento das suas promessas que são eternas:

«Eles serão meu Povo e Eu serei seu Deus e morarei com eles para sempre»²;

realizando-se a doação de Deus ao homem nas entranhas puríssimas da Virgem, a Nova Eva prometida por Deus aos nossos Primeiros Pais, que esmagaria a cabeça do dragão pelo Fruto

² Ez 37, 27-28.

do seu ventre bendito; o qual tiraria os pecados do mundo, libertando-nos da morte e resuscitando-nos para uma vida nova.

Ó portento sublime do poderio infinito d'Aquele que *se É!*, no qual, pela união hipostática da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, Deus uniu-se com o homem em matrimônio indissolúvel e eterno; de forma que o Filho de Deus, feito homem, era ao mesmo tempo o Filho de Maria, Fruto da sua virgindade maternal.

Pelo que a Virgem que, de tanto ser Virgem, rompeu em Maternidade, e Maternidade divina!, somente por obra e graça do Espírito Santo, deu à luz o Emanuel prometido aos santos Pais e Patriarcas e anunciado pelos santos Profetas do Antigo Testamento.

Ó Maternidade, Maternidade divina de Maria, tão sublime como transcendente!, na qual e pela qual Deus doa-se-nos com coração de Pai, pela expressão do Verbo gemendo pelo pranto de um Menino, e sangrando em imolação cruenta cravado num lenho entre o céu e a terra; no abraço coeterno e consubstancial do Espírito Santo; pelo Fruto do ventre bendito da Virgem, o Filho Unigênito de Deus, Encarnado...!

O qual, sendo tão homem como Deus, sem deixar de ser Deus, e tão Deus como homem, sem deixar de ser homem, em e pela plenitude do seu Sacerdócio, mediante o mistério da

sua Encarnação, vida, morte e ressurreição, enxertou-nos n'Ele como a videira aos sarmentos: Árvore da Vida que brota dos Mananciais infinitos da Divindade em derramamento transbordante dos seus torrenciais afluentes, podendo exclamar: «Eu sou a Fonte de águas vivas, quem tiver sede que venha a mim e beba, quem tiver fome que venha a mim e coma»³;

apagando a sede de todos os que acudissem a Ele, como o Manancial de águas vivas, com a cintilação luminosa dos lumes dos seus eternos Luzeiros: «Ao despertar saciar-me-ei da luz do seu semblante»⁴;

do resplendor do Unigênito Filho de Deus, Jesus Cristo, o seu enviado, que, pelo fruto da sua Redenção sangrenta e gloriosa, triunfante e vitoriosa em troféu de conquista infinita de glória em amores eternos –já que «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos»⁵–, lavou-nos da mancha dos nossos Primeiros Pais, remindo-nos dos nossos próprios e pessoais pecados; vivificando, salvando e glorificando todos aqueles que queiram beneficiar-se do fruto do seu Sangue derramado na ara da cruz.

E aquele que tudo é e tudo pode, «amando os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo e até o fim»⁶.

³ Sl 35, 10a; Jo 7, 37b; 6, 35b.

⁴ Sl 16, 15.

⁵ Jo 15, 13.

⁶ Jo 13, 1b.

E para ficar conosco até a consumação dos tempos, fundou a sua Igreja, encomendando-a aos Apóstolos, descendentes de Israel, humildes pescadores da Galiléia e a seus Sucessores. Promessa cumprida de Deus entre os homens e depositária dos seus planos eternos.

Igreja Santa, Nova Jerusalém, edificada por e sobre a pedra angular que é o mesmo Cristo, sustentada, mantida e perpetuada pela sua mesma divindade sobre as Colunas dos Apóstolos, e fundamentada na Rocha de Pedro;

fazendo-a a que contem em perpetuação o mistério da Encarnação, vida, morte e ressurreição do Filho de Deus feito Homem; cheia de frutos de vida eterna mediante a vinda do Espírito Santo prometido e enviado pelo mesmo Jesus:

«Eu pedirei ao Pai que vos dê outro Defensor que esteja convosco, o Espírito da verdade.

O Espírito Santo, que enviará o Pai no meu nome, será quem vos ensine tudo e vos vá recordando tudo o que vos disse... e guiar-vos-á até a verdade plena.

Pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras... Ele dará testemunho de mim; e também vós dareis testemunho, porque desde o princípio estais comigo»⁷.

E o Espírito Santo, pelo derramamento dos seus dons, frutos e carismas e mediante o ím-

⁷ Jo 14, 16-17. 26; 16, 13; 15, 26-27.

peto infinito e avassalador do seu fogo divino, fez rebentar os Apóstolos em palavra viva que expressa Deus.

Os quais, sob o seu impulso irresistível, lançaram-se a manifestar os pensamentos «ocultos desde os séculos em Deus, para dar agora a conhecer, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus»⁸;

cumprindo o mandato de Jesus: «Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado»⁹.

Fazendo Jesus o seu Novo Povo, Nova Sião, a Igreja nascente, depositária do mistério da reconciliação de Deus com o homem e da restauração da humanidade caída; de uma maneira tão maravilhosa, que ficou com ela durante todos os tempos:

«Eu estarei convosco todos os tempos até o fim do mundo»¹⁰.

E pelo poderio excelso do esplendor da glória de Iahweh, Jesus, em manifestação de como amava-nos com amor infinito,

«Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu Corpo, que é para vós”.

Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a Nova

⁸ Ef 3, 9-10.

⁹ Mc 16, 15-16.

¹⁰ Mt 28, 20b.

Aliança em meu Sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim”.

Pois todas as vezes que comeis deste Pão e bebeis deste Cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha»¹¹;

ficando conosco durante todos os tempos como Pão de vida e Bebida de salvação.

E como onde está o Filho está o Pai e o Espírito Santo, porque o Filho sempre mora no Seio do Pai e os Dois são uno no abraço coeterno e consubstancial do Espírito Santo; ao ficar Cristo com a sua Igreja e na sua Igreja, trouxe consigo o Pai e o Espírito Santo, fazendo-a Templo vivo e Morada do Altíssimo, Santuário de Deus com os homens, e Caudal dos eternos Mananciais da água viva que salta até a Vida eterna, que é o Cordeiro Imaculado e imolado que tira os pecados do mundo.

Pelo que a Igreja, Assembléia santa, Novo Povo de Deus, Esposa de Cristo, está repleta e saturada de Divindade, coberta e envolta pela formosura do mesmo Deus; sendo a Jerusalém restaurada por Cristo e edificada sobre as doze Colunas dos Apóstolos; e que, qual «torre fortificada» e «cidade bem compacta»¹², necessita congregar sob as suas muralhas os homens de todo tempo, povo, raça e nação, para fazê-los viver, bebendo nos jorros da água que brota em

¹¹ 1 Cor 11, 23b-26.

¹² Sl 60, 4; 121, 3.

torrentes dos eternos Mananciais, e que desde o regaço do Pai, pelo lado aberto de Cristo, desborda-se sobre toda a humanidade.

Caudais de água viva arremansados no seio espaçoso e letificante da Santa Mãe Igreja, Nova e Celestial Jerusalém, que está envolvida pela Santidade de Deus; Virgem, participando da Virgindade transcendente do Infinito Ser; Esposa, imaculada e sem mancha, do Cordeiro.

Igreja peregrina que, sob a sombra do Onipotente, caminha pelo desterro desta vida e conduz-nos com pé firme e passo valoroso para a Casa do Pai.

Sendo a luz na noite que ilumina as trevas deste mundo, levando-nos atrás de si, impelida como o carro de fogo do profeta Elias; e que pela força do ímpeto do Espírito Santo, no passar da sua brisa amorosa, em seu vôo velloz, levanta-nos até a posse de quem nos espera e nos chama com vozes infinitas de clamores inenarráveis, para introduzir-nos no festim das Bodas eternas; onde estão todos os selados por Deus e marcados nas suas fronteiras com o Sangue do Cordeiro, único capaz de abrir o livro dos sete selos, fazendo-nos filhos no Filho, co-herdeiros da sua mesma glória, para viver, em companhia de todos os Bem-aventurados, a mesma vida que Deus vive.

Igreja minha!, que formosa és...! És «jardim florido», Igreja minha, Mãe amada, «jardim fe-

chado»¹³ e amoroso, que diante da formosura do teu rosto, fazes enlouquecer de amor o mesmo Deus; Esposo divino, que tanto te amou, que «te desposou com Ele em justiça e amor»¹⁴, e que se recreia em ti como o Amado mais enamorado, atraído ao olor dos teus perfumes, pois «são os teus amores mais suaves do que o vinho»¹⁵;

já que estás embriagada com o mesmo néctar da Divindade para derramá-lo sobre todos os homens e embriagá-los e saturá-los dessa mesma Divindade.

Igreja minha...!, te contemplo tão divina...!, tão formosa...!, tão galharda...!, e tão Senhora!, que tens Deus mesmo que, morando em teu seio pelo seu desponsório eterno contigo e capturado pela formosura do teu rosto, fez-te o seu Santuário entre nós, «construído, não por mão de homens»¹⁶, mas pelo mesmo Deus.

Sendo Ele a luz dos teus olhos mediante os cintilantes e sapienciais luzeiros da sua mesma divindade; e por ti e através de ti, minha Igreja, Igreja amada, dá-se-nos com coração de Pai, fazendo-te expressão do cântico infinito do Verbo e abrasando-te no fogo avassalador e letificante do mesmo Espírito Santo.

Pelo que «metades de romã são tuas faces»¹⁷ e os teus perfumes «como óleo fino sobre a

¹³ Ct 4, 12.

¹⁴ Os 2, 21.

¹⁵ Ct 1, 2.

¹⁶ Hb 9, 24.

¹⁷ Ct 4, 3c.

cabeça, descendo sobre a barba, a barba de Aarão, descendo sobre a gola de suas vestes»¹⁸, empapando-te da sua infinita, transcendente e eterna Virgindade.

Igreja minha...!, estás ataviada com a tua coroa de Rainha, com a qual o Esposo divino enobreceu-te no dia das tuas Bodas; sendo o mesmo Cristo a real Cabeça que campeia, como bandeira de amor, nas tuas têmeoras de Mãe; para repletar-nos todos do amor do mesmo Espírito Santo que nos enaltece e nos enobrece tão divinamente, que nos faz seguir o Cordeiro Imaculado, com o coro das virgens, aonde quer que Ele for, sob o arrulho consubstancial e sacrossanto do seu passar amoroso.

Pelo que Cristo, derramando-se em amores sobre ti, tomou-te por Esposa, unguendo-te com a plenitude do seu Sacerdócio e fazendo-te a ânfora preciosa, cheia e saturada de Divindade, por onde o mesmo Deus dá-se, manifesta-se e comunica-se aos homens deste o teu seio de Mãe com coração de Pai, canção de Verbo e amor de Espírito Santo.

Igreja minha...!, que formosa és...! Avança triunfante, Filha de Jerusalém, que não haverá quem se coloque diante de ti!

És como um exército em batalha, disposta a enlouquecer o mesmo Deus de amor diante da

¹⁸ Sl 132, 2.

formosura do teu rosto, a galhardia do teu poderio e o frescor e beleza da tua juventude.

És santa com a Santidade de Deus, virgem com a sua Virgindade, rainha com o seu Senhorio, forte com a sua Fortaleza, formosa com a sua Formosura, divina e divinizante com a mesma Divindade que te satura, te enriquece e te enobrece como a Esposa do Cordeiro sem mancha;

que, imolado na ara da cruz, envolve a minha Igreja Mãe com um manto real de sangue, para que ela o derrame em fruto de Redenção por toda a terra em sua melódica canção de Divindade, recebida desde o mesmo seio de Deus pela canção do Verbo, sob o arrulho acariciador e o ímpeto do Espírito Santo.

O qual te faz romper, Igreja Mãe, Nova Sião, em palavra de fogo, em cântico infinito, em repetição dos cantares que só o mesmo Deus pode-se cantar na profundidade recôndita, íntima e sacrossanta do arcano do seu *Sancta Sanctorum*.

Onde Aquele que É está *sendo-se* em si, por si e para si, a sua mesma razão de ser e a sua mesma Divindade; rompendo em Contemplação amorosa de Explicação canora de Amor eterno, no abraço consubstancial, infinito e abrangente do Espírito Santo; cantando-se-nos o mesmo Deus pelo Verbo em romance de amor através de ti durante todos os tempos, como recopiladora do mistério sacrossanto da Redenção.

Canta, Igreja, a tua canção! Não cales, porque a tua voz é doce ao paladar de Deus, já que é o mesmo Pai quem por tua face mostrasse-nos e comunica-se-nos pela sua Palavra Infinita, seu Verbo Encarnado, em soletração amorosa de inéditas e consubstanciais melodias; lançando-se à terra e levantando-nos, atraídos por Ele, até o peito do Altíssimo a morar em intimidade amorosa com a Família Divina.

Igreja minha...!, Igreja Mãe...! Igreja amada...!, Igreja Santa...!, como e quanto te amo! Já que é o mesmo Deus quem em ti mora, quem por ti, Igreja Mãe, e através de ti comunica-se-nos em doações de romances coeternos de amor; ao mesmo tempo que estás banhada com o Sangue do Cordeiro que te desposou com Ele em desponsórios perpétuos e eternos.

Pelo que, sob o esplendor da tua glória, mostra-se-nos e entrega-se-nos «Cristo, e Este crucificado», que nos empapa com o fruto da sua Redenção, banhando-nos com o seu Sangue divino, ficando selados em nossas fronteiras com a marca de Deus e do Cordeiro.

Igreja minha, Mãe amada...!, que grande e que formosa fez-te Deus! Nova, Eterna e Celestial Jerusalém, perpetuação das doações do Infinito e quem contem o Dom eterno, que imolado como Vítima, oferece-se ao Pai cada dia, em perpetuação do seu Sacrifício cruento, no Sacrifício incruento do Altar, para o perdão

em perpetuação da remissão dos pecados de todos os homens, e em reparação infinita de todos eles diante da Santidade do Deus três vezes Santo, ofendida.

Igreja minha, Nova e Celestial Jerusalém, Promessa cumprida de Deus aos nossos Pais, Abraão, Isaac e Jacó, e anunciada pelos santos Profetas iluminados por Iahweh e sob o fogo e o ímpeto do Espírito Santo; és a perpetuação da união de Deus com os homens, por ser a que contem os seus mistérios em derramamento de amores eternos, cheios de misericórdia, ternura, compaixão e amor.

Igreja minha...!, que formosa és...! Como e quanto te amo...! Avança triunfante, Filha de Jerusalém, não cales.

Põe as tuas canções na minha alma, as tuas melodias no meu coração, a tua ternura no meu peito, as tuas petições no meu espírito, e as tuas lamentações no mais recôndito do meu ser, para que eu te proclame, Igreja minha, Mãe amada, sob a pequenez do meu nada e a ruindade da minha miséria, do modo que possa, na melodia infinita dos teclares da Divindade que, desde a tua altura e pela tua real Cabeça, caem até as tuas plantas sobre a pobreza da minha limitação.

Deixa-me que te expresse em tua formosura e te lisonjeie diante da contemplação da minha alma delirante de ternura e amor por ti, Igreja

Mãe, Virgem, Rainha e Senhora!; Nova Sião, Promessa cumprida de Deus entre os homens, depositária dos planos do mesmo Deus, a que contém a «insondável riqueza de Cristo e do Mistério oculto desde todos os séculos em Deus, e manifestado agora aos seus santos Apóstolos e Profetas»¹⁹ que, em ti e por ti e através da Liturgia derramam-se-nos em frutos de vida eterna desde os infinitos e coeternos Mananciais para repletar-nos todos de Divindade.

Igreja minha, Igreja amada, que formosa és...! Quanto te amo...!

* * *

Mas, apesar de conhecer-te na esplendidez da subjugação da tua glória, na soberania do teu esplendor, na majestade do teu poderio e na formosura da tua juventude, pela manifestação dos mistérios de Deus que se derramam sobre ti desde o seu infinito poderio e se desbordam através de ti, sobre a minha *alma-Igreja*, desde o teu seio de Mãe à filiação da minha pequenez em comunicações de amores eternos;

por conter em ti todo o mistério da Paixão cruenta de Cristo, o drama arrepiante da imolação sacrílega do Santo de Deus pelos pecados do mundo;

sobre o qual recaíram todas as nossas culpas e iniquidades fazendo morrer o Justo, quem era a Santidade Infinita, a Luz do Resplendor

¹⁹ Ef 3, 9. 5.

divino, a Manifestação em expressão de infinitos cantares da glória de Iahweh: «Tão desfigurado estava o seu aspecto, e a sua forma não parecia a de um homem..., sem figura, sem beleza, sem aspecto atraente, desprezado e evitado pelos homens, um homem sujeito às dores..., que foi trespassado por causa das nossas transgressões e esmagado em virtude das nossas iniquidades»²⁰;

por ter, Igreja minha, Igreja Santa, tudo isso contido na ânfora da tua maternidade universal, para dar-nos de beber até saciar-nos dos Afluentes Mananciais d'Aquele que É, pelo derramamento do Sangue do Cordeiro em imolação de imolante sacrifício;

apesar de ver-te e saber-te tão formosa, Nova e Celestial Jerusalém, Promessa de Deus cumprida, minha Igreja amada, e conhecer os infinitos desígnios de Deus desde seu pensamento divino antes de todos os séculos recaindo sobre teu seio de Mãe;

também tive que contemplar-te cobrindo as tuas ricas jóias e o esplendor da tua glória como com um manto preto; jogada no chão e chorosa, ofegante e encurvada; e envolta na nuvem da confusão que nos invade;

ao ter sido a minha alma feita por Deus o Eco diminuto em repetição, não só da tua formosura e da tua infinita riqueza pelo derramamento da sua vida divina que tão esplendoro-

²⁰ Is 52, 14 - 53, 5.

samente te engalana e enobrece e por quem se nos dão e manifestam os tesouros ocultos n'Ele desde todos os tempos, mas também o Eco da tua tragédia, depositária e perpetuadora do mistério de Cristo, e Este crucificado.

«A Igreja entornou suas penas
na minha alma dolorida,
e envolveu-me com seu manto
aumentando minha agonia.

Disse-me suas amarguras,
as que em seu peito tinha,
cobrindo-me com a nuvem
que sobre ela vinha.

A Igreja se disse em “Eco”,
deixando-me submergida
na asfixiante angústia
do seu peito reprimida;

e me disse os porquês
de quanto a ensombrecia
com a confusão cheia de penas
que por toda parte a envolvia.

A Igreja chorou na minha alma...
Que amargo me foi este dia!»

18-4-1975

Igreja minha!, Igreja Santa...!, o dia 30 de março de 1959 foste-me apresentada pelo mesmo Deus toda vestida de luto, cobrindo as tuas

ricas jóias com um manto preto; com as tuas entranhas dilaceradas pelos filhos que se foram do teu seio de Mãe, «perdida entre os rebanhos dos teus companheiros»²¹.

Os quais, muitos deles sem sabê-lo, deixaram as tuas entranhas de Mãe rasgadas, com umas cavernas abertas que não se voltarão a fechar senão com a volta desses filhos teus, tão profunda e ternamente amados, ao teu seio sangrento e dolorido, que os espera, espreitando desde a lonjura, como o pai do filho pródigo, sem se cansar.

Para que encham os ocos que ficaram vazios em teu seio de Mãe e curem as feridas que ninguém poderá cicatrizar senão eles, e as cavernas sangrentas que não se fecharão senão enchendo-se daqueles filhos que, ao irem embora, deixaram-te chorando, como Raquel, com gemidos, que são inenarráveis, pelo Espírito Santo.

30-3-1959

«La Iglesia de luto»

(Fragmentos)

«Ai, Igreja minha...! Como te vejo...! Estás de luto, Igreja amada, pelos teus filhos [...]»²² que foram embora da Casa Paterna.

²¹ Ct 1, 7.

²² Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

Mas... como chora...!, como chora a Igreja pelos seus filhos perdidos...!

Igreja minha, eu necessito lisonjear-te..., cantar as tuas glórias...! E me afogo no teu próprio pranto, dilacerada diante do teu angustiioso penar. Igreja minha, como te vejo...!

Que tens, Igreja minha...? [...] Por que estás de luto? [...] Filha de Jerusalém, por que não avanças triunfante e vitoriosa...? Que tens, minha Igreja Mãe...?

Arrancaram-te os teus filhos do teu seio materno e quentinho...!! [...]

A Igreja tem muitos membros vivos que cantam a Igreja, que cantam o Cristo. Tem em seu seio de Mãe multidões de almas, que sendo testemunhos pela sua vida e a sua palavra, seguem “Cristo e Este crucificado”²³; e incontáveis delas oferecem as suas vidas em imolação cruenta ou incruenta para dar glória a Deus e vida às almas sendo sementeira de Igreja, consolo para Cristo e apoio inalterável para a mesma Igreja. Mas hoje a Igreja apesar disto está triste e chorosa porque tem umas cavernas abertas, abertas...!, abertas...!, sem cicatrizar, pelos filhos pródigos que saíram do seu seio de Mãe, e ninguém as poderá fechar senão eles com a volta para a minha Igreja! Eu o vejo...! Eu o vejo...! Ninguém poderá ocupar este oco que eles deixaram no seio da minha Mãe Igreja! Só estes filhos poderão encher, fechar e cicatrizar as feridas que abriram com a sua

²³ 1 Cor 2, 2.

ida, deixando à Igreja umas cavernas sangrentas e doloridas, esperando a volta dos filhos que foram embora do seu seio de Mãe!

[...] Se tu és tão formosa, Igreja minha...!, se tu tens a Palavra que sai cantando do Seio do Pai...!

Alegra-te, se tu és fecunda e saís cantando no Santo Padre a Palavra silenciosa do Seio do Pai, que é o Verbo...!

Por que estás tão triste...? Se tu estás enganada e te vejo cheia de jóias...!:

Jóias cobertas com um manto de luto...!! Ai, Igreja, que enlutada estás...! [...]

Por que estás tão triste, Igreja...?: Chora desconsolada a saída dos seus filhos...!!, e aos filhos que não estão colocados no seu Aprisco...! Tiraram-nos do seio da minha Igreja Mãe...!

Por mais que olho a minha Igreja, vejo-a com um véu preto..., como se fosse uma mulher de quem morreram os filhos; tampando as suas jóias com um manto de luto...

E eu estou de luto com a minha Igreja...! Não sei quem morreu... Estamos cantando o Memento de defuntos... Estamos muito tristes a Igreja e eu...!

A Igreja guarda a sua pena no silêncio da incompreensão...! A Igreja está sangrando em silêncio...! E enquanto a Igreja está sangrando e rasgada, muitos dos membros da Igreja estão buscando a felicidade nas coisas terrenas, em

vez de compenetrar-se com a Igreja, entrar na intimidade da Igreja participando da sua dor e da sua terrível e desoladora amargura...»

Quantos filhos que, de uma ou outra maneira, deixaram e deixam a Igreja submergida, anegada e rasgada no silêncio arrepiante, de calafrio, dilacerante, dramático e imolante da incompreensão...!

Uns porque nunca a conheceram; outros porque, ainda que conhecendo-a, não a descobriram na esplendidez da formosura da sua realidade; e outros, com mais ou menos boa ou má vontade, que pela sua obstinação, não querem reconhecer em sua face formosa, repleta e saturada de Divindade, o rosto de Cristo que, nela e por ela dá-se-nos com coração de Pai e amor de Espírito Santo, em toda e com toda a sua verdade, como caminho que nos conduz à vida, sendo «a Glória de Israel e a Luz dos gentios»²⁴.

E os que traiçoeiramente às escondidas, como Judas, buscam o momento de entregá-las nas mãos dos seus inimigos; porque são lobos rapazes que, às escondidas, vestidos com pele de ovelha e manso cordeiro, atropeladamente maquinam a maneira de desfigurá-la e, mesmo se possível fosse, fazê-la desaparecer.

²⁴ Cf. Lc 2, 32.

Já dizia Jesus: «Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes»²⁵.

E São Paulo: «Eu sei que, depois da minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho, e que no meio de vós surgirão homens que farão discursos perversos com a finalidade de arrastar discípulos atrás de si»²⁶.

Enquanto que muitos dos filhos da Igreja e entre eles também do povo consagrado, mais ou menos inconscientemente, em vez de compenetrar-se com a Igreja, viver da sua vida, ajudá-la na sua missão e consolá-la na sua tragédia, vivem buscando os prazeres deste mundo caduco, desencaixando-se do plano de Deus e deixando só a Igreja, dilacerada no seu doloroso e tristíssimo desamparo de Getsêmani.

Diante do qual o meu espírito lacerado e angustiado, como o Eco das suas poéticas, dramáticas e proféticas canções, exclama enaltecido e ofegante diante da dor sangrenta que invade e anega a minha Igreja Santa, e a incompreensão em que a tenho que contemplar pedindo-me ajuda para que a apresente diante de todos os homens com toda a sua formosura com quanto o mesmo Deus para que o manifeste comunica-me, e estes, ao olhá-la, vejam o rosto de Deus nela:

²⁵ Mt 7, 15.

²⁶ At 20, 29-30.

«Levanta-te, mensageira», Igreja Mãe, Igreja minha, «não cales, tu que trazes boas novas para Israel».

Tu que tens a Palavra do Pai em teu seio para mostrá-la aos homens em romances divinos e humanos, e recolhê-los dos cinco Continentes e fazê-los viver bebendo dos Mananciais das eternas Fontes por ti e através de ti, como Esposa do Cordeiro Imaculado, coberta com o seu manto real de sangue, e saturada e repleta da sua divindade;

dá-la a todos, entoando os teus inéditos cantares e atraindo-os ao teu seio de Mãe.

E assim não tenha que ver-te envolvida com um manto de luto, tão dilacerada e dolorida, cobrindo as tuas ricas jóias toda vestida de preto.

«Minha Igreja está sofrendo sem queixar-se, minha Igreja está de luto em seu segredo, minha Igreja está sangrando nos seus gemidos, e com um manto preto vai cobrindo as cavernas que filhos da sua entranha por inconsciência ou orgulho, no seu seio, estão abrindo.

O Vigário de Cristo está penando, e o meu espírito, com ele, está morrendo.

Minha Igreja com o Papa está sangrando num terrível, aterrador silêncio. Que triste está a minha alma com a minha Igreja!; com ela estou sumida em seu silêncio.

Que ferida está a minha Igreja...!,
que ferido está meu peito...!
Minha Igreja está penando
e, com ela e com o Papa,
meu espírito morrendo!»

1-8-1968

Também, Igreja minha, no dia 6 de janeiro de 1970, tive que contemplar-te jogada no chão e chorosa, ofegante e encurvada, sentada sobre a tua pedra, e que novamente, volvida para mim com a tua cara desencaixada e chorosa, pedia-me ajuda...!

Diante do qual, a minha alma, destroçada e dolorida, cheia de lamentações ao ver assim a minha Igreja Santa, rompia em lágrimas do coração e expressava como podia a prostração em que via o Santo Templo de Deus e Morada do Altíssimo na terra, minha Santa Mãe Igreja:

6-1-1970

«La Iglesia tirada en tierra»

(Fragmentos)

«Onde está Deus nos corações dos homens e ainda da maioria dos cristãos...?»

Onde está a verdade da Sabedoria divina, vivida e comunicada em sabedoria amorosa em toda a sua verdade no meio dos homens...?»

Onde está o pensamento divino recebido, contido e explicado...?

Onde estão os homens que vivem das verdades eternas do espírito...?

Milhões de homens buscando a luz nas trevas...! Milhões de homens no meio da luz, envoltos nas trevas da confusão pela sua soberba ou inconsciência...!

A Igreja está dilacerada, desprezada e ultrajada, porque está desfigurada e desconhecida. E por isso, ao falar da Igreja, a maioria dos filhos dos homens soltam o seu sorriso zombador diante do desconcerto em que apresentam muitos dos filhos da Igreja a mesma Igreja.

A confusão invade-nos porque Deus praticamente desapareceu da maioria do coração dos cristãos. O intelectualismo está esmagando as mentes e os corações simples, e está ofuscando a verdade que a Sabedoria divina descobre para os pequeninos no seu diálogo amoroso de coração a coração.

É esmagador o humanismo que ofusca as mentes de quase a totalidade dos homens...!

A Igreja aparece, diante dos que não têm luz, feita uma monstruosidade, porque a vida de fé dos cristãos às vezes está tão enfraquecida e desfigurada, confusa e obscurecida, tanto, tanto, tanto!, que o mistério infinito que na Igreja se encerra, apresenta-se sufocado e ocul-

to diante da mente confusa e ofuscada da maioria dos seus filhos...

Onde estão os corações que de verdade buscam a Deus...? Onde os homens que descubram a beleza infinita que há na Igreja...?

O materialismo, a confusão, a sensualidade, a impureza, a soberba –Senhor!, que palavra empregaria...?–, empoeiraram e como enterraram! a realidade eterna que a Igreja, Nova e Celestial Jerusalém, tem em si vivida, possuída e ardendo em ânsias infinitas de comunicá-la.

A qual ficou como enterrada!, igual que num deserto, depois de um furacão e de uma tormenta de terra, fica oculto qualquer objeto que se encontrasse no meio daquela tempestade.

Enquanto que os verdadeiros filhos de Deus que conhecem a verdade, esperam gemendo angustiados, inclusive assustados, que passe o terremoto e aplaque-se a tormenta, para que a brisa do Espírito Santo deixe-se sentir e, na sua luz infinita, vá clarificando e desenterrando novamente a verdade potentíssima que, depois de anos de confusão, parece derrubar-se pela força da soberba.

Onde está Deus nos corações da maioria dos homens e de muitos dos filhos da Igreja...? E onde estão os filhos da Igreja que, vivendo não só dos sentidos materiais mas também dos espirituais, descubram a luz infinita da verdade em toda a sua verdade, e sejam testemunhos

vivos, por sua vida e sua palavra, de Deus e de Jesus Cristo seu enviado...?

A verdade está clara na Igreja, mas os que estão sentados e assentados nas trevas e sombras de morte não a vêem, não a descobrem; vivem da morte, da sua treva, chegando muitos deles, na tenebrosidade obscura da sua ofuscação e da sua soberba, a fazer-se doutores da luz no meio da sua terrível confusão.

A desolação envolve a Filha de Sião e desfigura a Nova Jerusalém! E diante de tanta desolação, eu quereria fugir apressadamente para o Reino da Luz, para não seguir vendo no desterro a Esposa do Cordeiro tão ultrajada, para não ter que contemplar com tanta dor a insolência com que cospem nela e a esbofeteiam nas suas divinas bochechas os filhos das trevas.

Mas..., como, Senhor, se apercebi que a Igreja, chorosa e desabada na terra, envolta no seu manto de luto, olhou-me novamente pedindo-me companhia, pedindo-me a minha entrega, a minha compreensão, o meu amor e o meu esforço, pedindo-me ajuda...!?

Ó, como vejo hoje a minha Igreja minha, afundada na sua própria humilhação, chorosa e consumida, ocultando o seu rosto e a formosura da sua juventude novamente com seu manto de luto...!

Mas não é já um manto preto o que envolve a minha Igreja... Está toda ela coberta de

preto, quase sem figura humana... Está como num aparente fracasso, com sua voz, que é a voz do Verbo, sufocada e enrouquecida, pelo que não pode romper em canção diante do grande esmagamento e asfixia do vozerio inumano dos soberbos, que, levantando a sua voz cheia de confusão, afogam o cântico infinito que o Verbo, pela sua voz de Esposa, comunica na terra aos homens.

Ó, que terrível pavor...! Como vejo hoje o Trono do Altíssimo na terra, que é a Igreja, a Nova e Celestial Jerusalém, onde Deus senta-se e assenta-se para dar-se e comunicar-se em participação da sua felicidade a todos os homens!

Como vejo hoje a Arca da Nova Aliança, a Porta do Céu, a Salvação do nosso Povo, o Orgulho da nossa raça...!

Como compreendo que a vida da fé, esperança e caridade esteja languescendo entre os homens...! Como todo o confusionismo em que nos encontramos, para mim, hoje tem explicação diante da Igreja jogada no chão, esbofetada, ultrajada, espancada...!

Igreja minha...! Por que me ocultas o teu rosto...? Olha-me, que eu nunca me envergonharei de ti, que eu sempre estarei contigo!

Igreja minha, como te vejo...! Como compreendo hoje que o mundo esteja em trevas ao querer tirar de ti a formosura com que te mantém engalanada o teu Esposo...!

Não sei como a vi, e a tenho gravada na minha mente como a realidade mais real que nos possam dar os sentidos da alma.

Como vi hoje Jesus na Igreja, ou através dela, assustado diante da maldade dos filhos dos homens...! Como experimentei a humilhação do Amor Infinito que, por amor, se fez escravo e, porque nos amava, pediu-nos o nosso amor dessa maneira...!

Como compreendi que a Igreja e Jesus são uma mesma coisa; e por isso Jesus, na sua vida mortal, sofreu com a Igreja o seu Getsêmani; e por isso a Igreja, no seu tempo, vive em Getsêmani, com Jesus, a sua tragédia...!

Hoje, mais do que nunca, compreendi que Jesus estivesse jogado no Getsêmani. E compreendi-o ao ver a Igreja jogada, —porque estava jogada!—, ainda que não no chão: estava sentada numa pedra redonda e rochosa...

Que bem entendo a necessidade da união com o Papa...! Porque quem se separa do Papa, não está fundamentado na pedra viva e angular onde a Igreja descansa. “Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos Céus, e o que desligares na terra será desligado nos Céus”²⁷.

²⁷ Mt 16, 18-19.

E através da Igreja e pela Igreja, e não fora dela, Cristo dá-se e comunica-se em irradiação infinita a todos os homens da terra que, de boa vontade, o buscam para encontrá-lo.

Mas só na Igreja, onde está Cristo manifestando-se pelo Papa, dá-se a Verdade em toda a sua verdade ao homem que de verdade a busca na voz do Supremo Pastor...!

É preciso pedir pelo Papa para que não se desabe, caído no chão como a Igreja, para que grite ensinando a Verdade, ainda que seja entre soluços; para que não se desalente e fique em silêncio como eu; para que seja a tocha que, com a sua voz potente, ilumine no meio da noite; e a minha alma com a sua descendência, como ovelhinha do Rebanho do Bom Pastor que lhe foi encomendado por Cristo possa vislumbrar sempre a sua luz e siga-o vigorosamente até a consumação dos tempos.

“Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” “Sim Senhor”, lhe disse, “Tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta os meus cordeiros”. Uma segunda vez lhe disse: “Simão, filho de João, tu me amas?” “Sim, Senhor”, disse ele, “Tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas”. Pela terceira vez lhe disse: “Simão, filho de João, tu me amas?” Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntara: “Tu me amas?” e lhe disse: “Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “apascenta minhas ovelhas”

Em verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres. Disse isto para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus. Tendo falado assim, disse-lhe: “Segue-me”.

Pedro, voltando-se, viu que o seguia o discípulo que Jesus amava, aquele que, na ceia, se reclinara sobre o seu peito e perguntara: “Senhor, quem é que te vai entregar?” Pedro, vendo-o, disse a Jesus: “Senhor, e este?” Jesus lhe disse: “Se Eu quero que ele permaneça até que Eu venha, que te importa? Segue-me tu”²⁸.

O mundo estava em trevas no Antigo Testamento, e a Luz brilhou na noite. E desde aquele dia, essa Luz perpetua-se visível –no meio da treva e da confusão que envolve a humanidade–, no seio da Igreja, Nova, Universal e Celestial Jerusalém, por meio do Papa e dos Bispos que, unidos a ele, têm um mesmo sentir e um mesmo pensamento, e proclamam a unidade da Igreja na sua verdade, na sua vida e na sua missão.

Pois ainda que, como diz o Apóstolo, “levamos este tesouro em vasos de barro para que a excelência do Poder seja de Deus e não pareça nossa”²⁹; e em qualquer momento algum ou alguns deles possam romper-se ou quebrar-se, na comunidade do Colégio Episcopal unida

²⁸ Jo 21, 15-22.

²⁹ 2 Cor 4, 7.

são ânfora preciosa repleta de Divindade, para saturar todos os homens de boa vontade que quiserem encontrar o Caminho da Verdade que nos conduz à Vida, cheio de paz, justiça e amor.

Sendo o Unigênito de Deus em pessoa quem, paulatinamente, foi depositando neles a sua mesma missão: “Como o Pai me enviou, assim também Eu vos envio”³⁰; e “quem me recebe a mim não me recebe a mim, mas o Pai que me enviou”³¹, mandando-os pregar o Evangelho a toda a criação e encomendando-lhes a sua Igreja: “Vós ficastes comigo em minhas provações. Por isso assim como o meu Pai me confiou o Reino, Eu também vos confio o Reino”³², entregando tudo de uma maneira tão sublime que, através disso, por meio da Liturgia e dos Sacramentos, a infalibilidade da sua doutrina e a plenitude do seu pastoreio, Cristo realiza e perpetua a sua ação salvadora e santificadora entre os homens durante todos os tempos: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos”³³.

Pelo que os Apóstolos, humildes pescadores da Galiléia, sendo as Colunas da Igreja, têm que sustentá-la, mantê-la e perpetuá-la durante todos os tempos, já que como dizia Jesus: “Eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”³⁴. Pelo que os Sucessores dos

³⁰ Jo 20, 21.

³² Lc 22, 28-30.

³⁴ Mt 28, 20.

³¹ Cf. Jo 13, 20.

³³ Jo 20, 22-23.

Apóstolos, sendo as Colunas da Igreja, coisa que também o Senhor fez-me ver aos 3 de setembro de 1972, são os que têm que levá-la e sustentá-la erguidamente sobre os seus ombros, conduzindo-a valorosamente; pois se algum ou alguns deles, por inconsciência, debilidade humana e inclusive má vontade, como Judas traindo o Mestre –“amigo, com um beijo entregas o Filho do Homem”³⁵–, afrouxaram o ombro ou retiram-no, o Santo Templo de Deus, ainda que esteja sustentado pelas demais Colunas, diante da descompensação pode parecer que se cambaleia.

Convertendo-se estes Pastores, ao semear ou permitir que se filtre a confusão, em pedra de escândalo e ruína das almas. Evocando-me tudo isto a passagem do Apocalipse aos Anjos das diversas Igrejas:

“Ao Anjo da Igreja em Éfeso, escreve: Assim diz aquele que segura as sete estrelas em sua mão direita, o que está andando em meio aos sete candelabros de ouro. Conheço tua conduta, tua fadiga e tua perseverança: sei que não podes suportar os malvados: puseste à prova os que se diziam apóstolos –e não são– e os descobriste mentirosos. És perseverante, pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste.

Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado teu primeiro amor. Recorda-te, pois, de

³⁵ Lc 22, 48.

onde caíste, converte-te e retoma a conduta de outrora. Do contrário, virei a ti e, caso não te convertas, removerei teu candelabro de sua posição. Tens de bom, contudo, o detestares a conduta dos nicolaítas, que também Eu detesto. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: ao vencedor, conceder-lhe-ei comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus.

Ao Anjo da Igreja de Esmirna, escreve: Assim diz o Primeiro e o Último, aquele que esteve morto mas voltou à vida. Conheço tua tribulação, tua indigência –és rico, porém!– e as blasfêmias de alguns dos que se afirmam judeus mas não são, pelo contrário, são uma sinagoga de Satanás! Não tenhas medo do que irás sofrer. Eis que o diabo vai lançar alguns dentre vós na prisão, para serdes postos à prova. Tereis uma tribulação de dez dias. Mostra-te fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: o vencedor de modo algum será lesado pela segunda morte.

Ao Anjo da Igreja em Pérgamo, escreve: Assim diz aquele que tem a espada afiada, de dois gumes: Sei onde moras: é onde está o trono de Satanás. Tu, porém, seguras firmemente o meu nome, pois não renegaste a minha fé, nem mesmo nos dias de Antipas, minha testemunha fiel, que foi morto junto a vós, onde Satanás habita. Tenho, contudo, algumas reprovações a fazer: tens aí pessoas que seguem

a doutrina de Balaão. Do mesmo modo tens, também tu, pessoas que seguem a doutrina dos nicolaítas. Converte-te, pois! Do contrário, virei logo contra ti, para combatê-los com a espada da minha boca. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: ao vencedor darei do maná escondido, e lhe darei também uma pedrinha branca, uma pedrinha na qual está escrito um nome novo, que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe.

Ao Anjo da Igreja em Tiatira, escreve: Assim diz o Filho de Deus, cujos olhos parecem chamas de fogo e cujos pés são semelhantes ao bronze. Conheço tua conduta: o amor, a fé, a dedicação, a perseverança e as tuas obras mais recentes, ainda mais numerosas que as primeiras. Reprovo-te, contudo, pois deixas em paz Jesabel, esta mulher que se afirma profetisa: ela ensina e seduz meus servos a se prostituírem, comendo das carnes sacrificadas aos ídolos³⁶. “Farei também com que seus filhos morram, para que todas as Igrejas saibam que sou Eu quem sonda os rins e o coração; e a cada um de vós retribuirei segundo a vossa conduta.

Quanto a vós, porém, os outros de Tiatira que não seguem esta doutrina, os que não conhecem as profundezas de Satanás –como dizem–, declaro que não vos imponho outro peso; o que tendes, todavia, segurai-o firmemente até que Eu venha. Ao vencedor, ao que

³⁶ Ap 2, 1-13. 15-20.

observar a minha conduta até o fim, conceder-lhe-ei autoridade sobre as nações; com cetro de ferro as apascentará, como se quebram os vasos de argila, conforme Eu recebi de meu Pai. Dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”³⁷.

“Ao Anjo da Igreja de Sardes, escreve: Assim diz aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas. Conheço tua conduta: tens fama de estar vivo, mas estás morto. Torna-te vigilante e consolida o resto que estava para morrer, pois não achei perfeita a tua conduta diante do meu Deus. Lembra-te, portanto, de como recebeste e ouviste, observa-o e converte-te! Caso não vigies, virei como um ladrão, sem que saibas em que hora venho te surpreender. Em Sardes, contudo, tem algumas pessoas que não sujaram suas vestes; elas andarão comigo vestidas de branco, pois são dignas. O vencedor se trajará com vestes brancas e eu jamais apagarei seu nome do livro da vida. Proclamarei seu nome diante de meu Pai e dos seus Anjos. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

Ao Anjo da Igreja de Filadélfia, escreve: Assim diz o Santo, o Verdadeiro, Aquele que tem a chave de Davi, O que abre e ninguém mais fecha, e fechando, ninguém mais abre. Conheço tua conduta: eis que pus à tua frente uma porta aberta que ninguém poderá fechar,

³⁷ Ap 2, 23-29.

pois tens pouca força, mas guardaste minha palavra e não renegaste meu nome”³⁸. “Visto que guardaste minha palavra de perseverança, também Eu te guardarei da hora de tentação que virá sobre o mundo inteiro, para colocar à prova os habitantes da terra. Venho logo! Segura com firmeza o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. Quanto ao vencedor, farei dele uma coluna no templo do meu Deus, e daí nunca mais sairá. Escreverei sobre ele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus –a Nova Jerusalém, que desce do Céu, de junto do meu Deus– e o meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

Ao anjo da Igreja de Laodicéia, escreve: Assim fala o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar da minha boca. Pois dizes: sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso. Não sabes, porém, que és tu o infeliz: miserável, pobre, cego e nu! Aconselho-te a comprar de mim ouro purificado no fogo para que enriqueças, vestes brancas para que te cubras e não apareça a vergonha da tua nudez, e um colírio para que unjas teus olhos e possas enxergar. Quanto a mim, repreendo e educo todos aqueles que amo. Recobra, pois, o

³⁸ Ap 3, 1-8.

fervor e converte-te! Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo. Ao vencedor, concederei sentar-se comigo no meu trono, assim como Eu também venci e estou sentado com meu Pai em seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”³⁹.

Igreja minha, quanto dói-me a alma...! diante da contemplação por uma parte tão gloriosa e por outra tão dramática, da situação que no passar dos tempos vás encontrando-te.

Hoje quero abrir-me totalmente à tua voz entrecortada e ofegante, e recolher os soluços dilacerantes que se te perdem no silêncio da incompreensão.

Hoje quero, com a minha descendência, voltar a renovar a minha missão e o meu propósito de ser “o Eco” da minha Igreja...

Hoje quero poder-me chamar, em todo o sentido da palavra, e assim ser descanso para a Igreja em fruto de renovação: “Trinidad de la Santa Madre Iglesia”.»

«Lágrimas da alma irrompem no peito com grandes queixumes do meu coração, pela grande saudade que guardo em silêncio, em noites cercadas de uma incompreensão...

³⁹ Ap 3, 10-22.

Gemidos escapam em profundos lamentos...;
tudo fica dentro sem explicação,
porque a inconsciência envolve a vida
daqueles que passam em meu redor.

Noites prolongadas são minhas agonias;
Deus só compreende, “pela sua petição”,
tudo quanto oculto de dor sagrada,
sob o sorriso de uma imolação.

Nada pede a alma que caminha ao Eterno;
Deus cobre com zelos quanto lhe infundiu;
ela só sabe guardar em segredo,
profundas opressões em sua abrangência.

Que importa que sofra, se só o silêncio
conhece o mistério que operou em mim
o Amor...?!

Silêncios sagrados oprimo em minha entranha,
ocultando dias em frutos de dom.

Corre o tempo e joga com minhas agonias;
eu espero na noite o Libertador.
Conquistas de glória são minhas opressões,
vida dos homens, fruto em redenção.

Perca-se o gemido da minha grande saudade;
Deus falou à minha alma, em imolação,
petições fortes que vão perfurando
a profundeza secreta do meu coração.

Nada há tão sangrento como a indiferença,
que me deixa ferida em crucifixão.

Rompa hoje o silêncio de quanto contendo em explicações por beijo de Deus!»

13-1-1975

* * *

E para que não ficasse como derrubada contigo, Igreja minha, mas para que te conhecesse em toda a tua realidade, como Cristo tua Cabeça tão divina como humana, também me foste mostrada por Deus qual torre invencível...!, fortificada!, no dia 23 de janeiro de 1971; quando dilacerada e envolvida pelo penar da Igreja, dolorida, parecia que não podia mais, e expressava como podia a sua dilaceração, submergida e anegada na dor desta Santa Mãe, que de tantas maneiras pediu ajuda à minha pobre, assustada e trêmula alma.

23-1-1971

«Torre fortificada»

(Fragmentos)

«Vejo a Igreja chorosa, ofegante e encurvada; envolvida e desencaixada em sua própria humilhação.

Vejo como deslizam pelas suas bochechas sagradas, como pérolas engastadas, lágrimas de imolação.

São seus olhos dois luzeiros, como sóis acendidos em resplendores divinos e em cintilares de céu.

E, apesar de serem dois sóis os seus olhos avermelhados pelo doído penar do seu pranto emudecido, apercebo no seu olhar uma dor tão dolorida, tão profunda e enternecida, que ao vê-la em tanto penar, meu peito rompe em queixumes sem podê-la consolar.

Quero chorar com a Igreja...!, e, com ela desabada, ir recolhendo adorante o lacrimejar cheio de penas que, no seu profundo soluçar, faz a minha Mãe tão bela, ao cair-lhe, como pérolas, pelas suas bochechas sagradas cheias de Divindade...

Minha alma sente-se Igreja, tão metida na sua verdade! que, sendo seu confidente neste peregrinar, hei de mostrar às gentes o que a Igreja silente conta-me no seu soluçar...

Sou “o Eco” da Igreja e, apesar de ser cantar para dizer as grandezas que Deus me quis mostrar, hoje em silêncio fiquei ao não poder expressar esta dor tão sagrada que apercebe meu penar no peito da Igreja com soluçante clamar.

Queria, se eu pudesse, na maneira de amar com que eu amo a Igreja, viver sempre no desterro junto a ela no seu penar quanto durassem os séculos e perdurassem os tempos, caso me vier buscar.

Meu martírio hoje não recua... [...] Quero dizer à Igreja, mas me afoga a dor...!

Eu sei o sofrer da Igreja, o porquê do seu pavor, a sua missão entre os homens e o seu divino esplendor, os segredos infinitos que encerra no seu coração; por isso tenho no peito uma perfurante dor, ao não encontrar quem escute o meu ofegante pregão; um martírio tão fechado diante do peso tão sagrado que o Senhor depositou na profundidade da minha profundidade, que me afogo na plenitude do seu dom...

[...] Vejo-a desencaixada, ofegante e encurvada, com as suas bochechas afundadas, em lágrimas empapadas...! Vejo-a como assustada, buscando aonde encontrar quem lhe preste ajuda em seu duro caminhar...

Junto a ela, de joelhos, querendo-a consolar, vejo o “Eco da Igreja” como uma pobre menina que só sabe chorar.

Quando já parecia que a minha tortura era irresistível, por não poder conter, nem querer expressar, nem sequer deixar transluzir nada do que encerrava no meu coração; de repente contemplei a Igreja uma vez mais, dentro da sua agonizante amargura e da terrível situação em que se encontra: serena...!, tranqüila...!, majestosa...!, imensa, inabalável, invencível, forte, imperturbável...!

Enquanto que a mim vi-me como uma menina pequenina, tanto que ao lado da Igreja não era mais alta do que os seus sapatos –se ela tivesse tido sapatos–.

Vi-me tão pequenina, que não sabia se comparar-me com um rato ou com uma formiga... Não sabia se a Igreja ia repreender-me, se teria feito algo mau...

Até senti medo, sem saber porque, pois ao ver que a Igreja começava a agigantar-se tanto diante de mim e eu aparecia tão pequenina ao seu lado, temi tê-la desgostado em alguma coisa...

Ó que terrível...! Como vejo a Igreja...! [...] Que realza...!, que fortaleza...!, que majestade...!, que firmeza...!, que senhorio...! Que imensa...!

Ó, como a vejo...! Nunca a contemplei assim...! Fiquei tão pequenina, tão pequenina! ao seu lado, que estou assustada pela sua imensidade e a minha pequenez...

Ah...! Mas não...! Se é minha Mãe...! Se me ama com o coração de Deus...! Se eu sou o seu Eco, a sua pequenina, o receptor das suas penas e do seu lacrimejar cheio de penas, da sua respiração entrecortada pela dor...!

Como vejo a Igreja...! Ó como vejo a Igreja...!

Como uma rocha invencível de insólita caridade, em poderio terrível, repleta do Deus vivente, em sua Luz resplandecente, cheia de Divindade...!

Eu não sei como exporia, com o meu impotente expressar, este meu novo conceito que hoje Deus me quis dar, ao descobrir a Igreja, qual “torre fortificada”, na sua inamovível verdade.

Toda eu estou assustada pela sua terribilidade, sentindo-me tão pequena, ao querer contemplá-la, que, toda ultrapassada, não a consigo abranger...

A Igreja é como uma rainha, que, ainda que a veja encurvada no seu terrível penar, tem em si tal realeza, tal senhorio e grandeza que nunca poderei expressar...!

Nunca me vi tão pequena ao lado da Igreja, sem um palmo levantar...! Ela é erguida e formosa!, toda forte e valorosa!

Hoje a Igreja mostrou-se tão imensa ao meu olhar, que, ainda que a visse jogada e ainda que se funda na profundidade da sua profunda amargura e na sua tristeza mortal, eu me sinto desabada diante da sua realidade...; orgulhosa e anegada, cheia de felicidade ao vê-la tão sublimada, por Deus mesmo levantada, em sua majestade.

E eu sou tão pobrezinha, que não posso explicá-lo...! Sinto-me tão pequenina qual nunca pude pensar...!

Que mistério...!: e, apesar de tudo isto, eu tenho que consolá-la...!

Ó, como contemplei a Igreja...!: Como uma “torre fortificada”...!, terrivelmente imensa...!,

por cima de toda a criação...! Tão formosa!, que era capaz de enlouquecer a Deus de amor pelo esplendor da sua beleza e a formosura e frescor da sua juventude. E ao mesmo tempo eu me contemplei diminuta e pequena como se fosse o seu sapatinho...

E desde a minha pequenez, olhando para cima, contemplava a excelsitude subjugante do Poderio Infinito que sobre ela se derramava, e via como a plenitude da Divindade, o manancial da sua vida, a sua missão esplendorosa e a sua dor sangrenta deslizavam-se, desde a sua divina e real Cabeça, por todo o seu Corpo Místico, empapando todos os seus membros, até a pequenez diminuta do seu sapatinho; que, desde ali, no solo, apercebia, pelo lacrimejar das suas sublimes bochechas, o soluço do seu coração, o palpitar do seu peito e o gemer da sua profundidade, com a sua realidade plena, para que eu a recebesse, empapasse-me, saturando-me, e assim, por minha vez, impelida pela força do seu poderio, comunicasse-a. Via que me dava tudo; mas desde a sua grandeza à minha pequenez, desde a sua altura à minha baixaza, desde a sua riqueza à minha pobreza, desde a sua maternidade à minha filiação, do seu tudo ao meu nada, desde o seu cantar ao meu repetir em Eco.

Sendo eu como um estojo pequenino que vai recebendo todo esse viver e sangrar da minha Mãe Igreja, para abrir depois o meu coração e deixar descoberto o queixume, em pal-

pitar de ternura infinita e de agonia sangrenta, que ela vai depositando em mim para seu descanso e para comunicação e entrega do seu tesouro aos homens.

Porque o tesouro da Igreja comunica-se a mim através dos seus queixumes, das suas lágrimas, do seu falar tremente, das suas palavras entrecortadas pelo pranto; através da cintilação do seu coração, do seu silêncio sangrento, da sua solidão insuspeita; através da sua missão não escutada e do seu segredo não recebido; através do manancial infinito da sua vida, contido e encerrado na medula profunda do seu peito e nas cavernas do seu ser.

Tudo isto a Igreja vai deslizando e derramando, descobrindo e depositando no cofre pequenino do meu coração. E como uma prensa reprimida, minha alma suspira ofegante, buscando onde e em quem depositar meu tesouro...»

E por isso, novamente no transcorrer dos anos, o Senhor seguiu-me mostrando em sabedoria amorosa de aguda penetração as situações dramáticas pelas que ia e vai passando a Igreja, através do peregrinar deste desterro, e nas que a põem a insídia descarada ou disfarçada dos seus inimigos e a inconsciência, a frialdade e ainda a traição de muitos dos seus próprios filhos.

«Iglesia, ¿por qué me ocultas tu rostro?»

(Fragmentos)

«No dia 23 de fevereiro de 1975, fazendo oração junto ao Sacrário [...] voltei novamente, num raio luminoso de profunda penetração de sabedoria amorosa, a contemplar em luz desde o pensamento divino e ardendo nas candentes chamas do Espírito Santo, com os olhos do espírito, a situação de calafrio da Igreja.

Numa densa noite de escuridão e sufocantes nuvens grandes e densas contemplou hoje minha alma dolorida a minha Santa Mãe Igreja, que, desabada de dor, ficou envolvida por uma nuvem escura, tenebrosa e espessa; a qual oculta os sóis que, em seu interior, a luz infinita e cintilante do Verbo, como Cabeça, faz resplandecer em manifestação do Infinito Ser aos homens.

Uma densa noite cobre a Nova Jerusalém, a Cidade de Deus entre os homens, envolvida em escuras nuvens densas de confusão que ocultam a luz resplandecente da face de Cristo, repletando-a e aformoseando-a com a sua mesma Divindade...!!

“És morena, mas formosa, Filha de Jerusalém”⁴⁰; morena e como enegrecida pelos pecados de soberba, inconsciência e covardia de

⁴⁰ Cf. Ct 1, 5.

muitos dos teus filhos, que, semeando ou deixando que se expanda a confusão, assim te puseram.

Como poderá minha alma contemplar a minha Igreja minha como agonizante de dor, sem morrer...? Por que terei que seguir vivendo no país da ingratidão e do desamor, para saber, num saboreio tão amargo, o Getsêmani carregado de penas da minha Mãe Igreja dilacerada...?

Quem poderá compreender a tristeza triste que se apodera de meu ser diante da minha Igreja Mãe, como sufocada!, por um vagalhão de imundice que a envolve, querendo destruir o invencível poderio da sua força, cimentada e sustentada pela mão onipotente de quem, com carinho terníssimo de Esposo, abriga-a sob a sua sombra amparadora...?

Um manto real de sangue envolve a minha Igreja, porque é Cristo, o Verbo Infinito do Pai, quem, desposando-se com ela, levantou-a diante de todos os homens como bandeira de amor, de justiça e de paz...!

Senti que o meu peito ficava profundamente perfurado pela ferida dura que a contemplação da minha Igreja abria nas entranhas do meu espírito num grito dilacerante de: Eu não quero ver assim a minha Igreja minha, a Nova Sião...!!

Durante um tempo fiquei padecendo desconsoladamente a desolação dilacerante da Igreja. Como compreendi ainda mais as palavras de

Paulo VI: “O fumo de Satanás penetrou pelas gretas do Santo Templo de Deus, que é a Igreja...”!

A onda de confusão é tão densa, tão escura e tão tenebrosa, que envolve totalmente a Igreja desabada no chão, ocultando diante da vista de todos os seus filhos o esplendor da sua glória que se me manifesta sempre, ainda que seja na sangrenta noite de Getsêmani!

Experimentei tanta dor, tanta, na minha impotência de calafrio!, que, caindo desabada junto com a Igreja, desejei com todas as forças do meu coração morrer em destruição de imolação dilacerante por ela.

Faltaram-me as forças para seguir vivendo, desejando a aniquilação do meu pobrezinho ser, que, diante da sua Mãe Igreja, aparentemente moribunda, sentiu a necessidade de que a nuvem tenebrosa que a envolvia, não me deixasse fora, mas que me envolvesse a mim também, para que o que fosse dela passasse a ser do seu pequeno “Eco”.

Só podia repetir, desde o mais profundo do meu coração, em alaridos torturantes que feriam a medula das entranhas do meu ser, loucamente subjugado por amor à Igreja em carinho e ternura de filha pequenina que não resiste ver a sua Mãe Santa em situação de tanto calafrio: Eu não quero ver assim a Igreja...! Eu não posso ver assim a Igreja...!!

Necessito morrer, como suprema rendição da minha impotência que, não sabendo como

nem o que fazer para ajudá-la, deseja, diante de tão desoladora contemplação, destruir-se como resposta de total entrega.

Eu não quero ver assim a minha Igreja...!!
Eu não quero ver assim a minha Igreja...!!

Por que, em seu seio, a face formosa do Verbo Encarnado ficou escurecida...?

Por que o poder das trevas envolve a minha Igreja...?

Por que o “Eco” pequenino da Igreja, de joelhos e prostrada em desabamento de dor, não pôde descobrir, entre as nuvens densas que cobriam a Igreja, o rosto da sua Santa Mãe...?

Que é o que me oculta a mim a sua face formosa, ainda que seja envolvida por um manto de luto e desolação...?

Eu não quero nem posso ver assim, desde fora, a minha Igreja minha...!! Eu não quero ver assim a minha Igreja minha...!!

Eu quero que Deus me permita o passo, e aprofundar-me dentro da sua nuvem, ainda que me afogue nas tenebrosas e arrepiantes nuvens densas em que a contemplo envolvida, para padecer com ela a asfixia fumegante da confusão que a intenta sufocar...! [...]

Eu quero ser Igreja com todas as suas conseqüências, em expressão vibrante de tudo quanto ela é, vive e manifesta, dentro de todas e cada uma das situações em que a soberba dos grandes e a covardia dos pusilânimes a

põem, com a ingratidão e a indiferença dilacerante do seu desamor...!

Como pode hoje dizer a Igreja “Busquei quem me consolasse e não o encontrei”⁴¹; porque busquei quem me compreendesse, quem me acompanhasse, quem me conhecesse, quem me levantasse e quem me apresentasse diante da vista de todos os homens na esplendidez plena da minha realidade, e não o encontrei...!

A luz está entre as trevas, e estas, não só não a receberam, mas que intentam sufocá-la com uma asfixiante nuvem de confusão inexplicável...

“Os filhos deste século são mais prudentes do que os filhos da Luz”⁴²; e ao ver a Igreja jogada no chão e como num aparente desamparo por parte de Deus e dos homens, lançaram-se sobre ela numa sarcástica gargalhada de triunfo, sem saber que o amor infinito de Iahweh está em zelo pela glória da sua Amada: “O zelo da tua Casa me devora”⁴³.

Pelo que a mão do Onipotente, se a situação da Igreja não muda, talvez descarregue-se sobre aqueles que, profanando o seu Santo Templo, intentam convertê-lo em “covil de ladrões”⁴⁴.

Depois de ver a Igreja em tão inexplicável situação, compreendi, cheia de dor e ao mes-

⁴¹ Sl 68, 21.

⁴² Lc 16, 8.

⁴³ Sl 68, 10 = Jo 2, 17.

⁴⁴ Mt 21, 13.

mo tempo de gozo –de gozo por ser a luz da Infinita Sabedoria amorosa a que impregnava o meu espírito, e de dor pela compreensão que esta mesma Sabedoria dava-me em penetração da sapiencial palavra do Verbo, que, sem nada dizer, ilustrava a minha alma com seu fogo–, o porquê estava a Igreja envolvida por uma densa nuvem de escura e tenebrosa confusão: Os sóis do Espírito Santo estão sufocados por esta densa nuvem de confusão, que foi produzida pela soberba e covardia dos homens desde fora e desde dentro no seio da Santa Mãe Igreja. [...]

Como compreendi também, numa surpresa de inefável gozo, que é necessário que a Virgem irrompa desde o seio da Igreja com o esplendor dos sóis que, envolvendo-a durante toda a sua vida, especialmente desde o momento da Encarnação, fazem-na ser, no seio da Igreja e para a mesma Igreja, a Mãe do Amor Formoso, na qual e através da qual, se nos comunica a doação eterna do Amor Infinito...!

Por Maria, o Verbo Encarnado traz-nos o Espírito Santo com a plenitude de todos os seus dons, saturando-nos de Divindade. É a Virgem, a Nova Eva, Esposa do Espírito Santo, Mãe do Verbo Encarnado e Filha predileta do Pai, a que, por vontade de Deus, há de romper e irromper com os sóis do mesmo Espírito Santo que Ela encerra, desde o seio da Igreja; o qual é ânfora preciosa repleta de Divindade que necessita, como um vulcão aceso, rebentar em erupções com os fulgores infinitos da mesma

Divindade; e através da Virgem, e sob o amparo da sua Maternidade, como Mãe universal da Igreja Santa de Deus, a Nova Sião, quer infundir-se nas almas dos homens com coração de Mãe e amor de Espírito Santo.

Como aflorou na minha mente aquela realidade que, ficando gravada na minha alma, no ano de 1959, fazia-me clamar que era vontade de Deus que se pusesse a Virgem na Igreja no lugar que lhe correspondia como Mãe de Deus e da mesma Igreja, a qual é fruto da sua Maternidade divina...!

Pois por Ela, Nova Eva, pelo fruto virginal do seu ventre bendito veio-nos o Autor da vida que tira os pecados do mundo; levantando-nos pelo fruto da sua ressurreição gloriosa a uma vida nova, e que nos conduz à Nova e Celestial Jerusalém, triunfante e gloriosa, sem manto de luto e vestida de noiva.

Como entendi o empenho dos filhos das trevas em fazerem desaparecer ou escurecer a figura resplandecente da Mãe de Deus do olhar dos homens...!: “A cheia de graça”, de tal forma que qualquer graça concedida aos homens em qualquer momento das suas vidas, Ela a teve em plenitude durante todos e cada um dos momentos da sua. Pelo que clamava a minha alma no mesmo ano de 1959:

É Maria quem tem a culpa de que todos os homens encham-se de graça e vão a Deus. Porque por Ela se nos dá a Fonte da vida que brota dos eternos e vivificantes mananciais do

Seio do Pai, desde o lado aberto de Cristo e por Ele derrama-se a borbotões sobre toda a humanidade.

E como compreendi também o trabalho da sagacidade dos inimigos da Igreja por desfigurar a divindade de Cristo! “Raça de víboras e sepulcros caiados...!”⁴⁵. [...]

Meu olhar espiritual ficou penetrado por uma tão profunda compreensão com relação à missão importantíssima da Virgem no seio da Igreja, por ser a Mãe do Verbo Encarnado, o Unigênito de Deus, que voltei a ver com uma mais luminosa penetração que, assim como por Ela e através d’Ela realizou-se o mistério da Encarnação, e por ele a doação de Deus que é Cristo, aos homens; hoje, diante da situação de calafrio da Santa Mãe Igreja, é por Maria e através d’Ela por quem os sóis do Espírito Santo querem irromper, dissipando as trevas da densa nuvem que envolve a Cidade Santa de Deus, Nova e Celestial Jerusalém.

Estão escurecendo a Virgem dentro do seio da Igreja minha...! Intentam tirá-la do coração dos seus filhos! Querem ocultar os sóis do Espírito Santo que a envolvem, fazendo-a Mãe do mesmo Deus Encarnado e Mãe da Igreja universal...!

E ainda mais, atrevem-se, com doutrinas confusas e até enganosas, a desfigurar a divin-

⁴⁵ Mt 23, 33. 27.

dade de Cristo. Com o que a Igreja ficou submergida numa noite de densa e tenebrosa escuridão!»

«Ó Nova Jerusalém!,
se sempre te contemplasse
como o dia em que te vi
como uma rainha enjoiada...

Se sempre te visse formosa,
triumfante e engalanada,
como esposa do Deus vivo
e por todos aclamada...

Ó Nova Jerusalém!,
minha alma está dilacerada
ao ver-te triste e chorosa,
ofegante e encurvada.

Vi-te vestida de luto,
em tua entranha traspassada
pela ida dos teus filhos
que para outras terras se foram;

vi-te cobrindo as tuas jóias,
morena e desconsolada;
mas eu nunca te vi
tão triste e tão ultrajada!

Hoje não sei como expressar
isto que sente a minha alma.

É um martírio tão profundo
o ver-te esbofeteada,
por teus filhos cuspidas,
humilhada e maltratada,

em teu caminhar penoso
nesta terra manchada,
que, se não te conhecesse,
te creria abandonada.

Mas não!, Deus está em zelo
pela glória da sua Amada;
seu amor sente-se enojado,
seu olhar está irritado.

Ó que terror!, se Deus chora
quando vê a minha Igreja amada...
E se Deus chora ao olhá-la,
como meu ser não choraria?

Também a minha alma está em zelo,
também sente-se ultrajada,
também anda trêmula
e se vê esbofeteada!

Também... porque sou Igreja!
Tão só Igreja é minha alma,
e sua missão é a minha,
sua tragédia está na minha entranha,

e a glória do seu nome
é a glória que me abrasa,
porque não tenho mais gozo
que vê-la glorificada.

Ó, que triste está a minha Igreja!
Ó, se eu a consolasse
e a visse novamente
como uma rainha enjoiada...!

Ó, que ferida está a minha Igreja!
Ai, que triste está a minha alma!
Mas... se Deus mesmo chora,
como eu a consolaria...?»

28-4-1969

«Que dor tão dolorida, tenho dentro da minha entranha!, que agonia tão profunda e que pena tão amarga...!

Só Deus sabe o mistério, disso que embarga a minha alma, por ser gemido silente que toca aquele ponto feridor, onde Deus beija-me em chaga...

Solidão tenho na minha profundeza, porque assim a minha vida vaga, sentindo-me incompreendida, ali dentro na minha câmara...

Gemo com triste lamento, sem hálito para nada, porque aprisionada fui com cadeias tão fechadas, que estão cercados os meus dias, pela minha dor perfurada...!

Pai, se fosse possível que o cálice não transbordasse, porque encontrasse o consolo, que o meu espírito reclama...

Mas, se possível não fosse, eu beberei até apurá-la, a amargura do seu fel, para glória re-

pleta do Esposo e da Igreja que foi por Ele co-
roada...

Eu quero oferecer por ela, em retorno sa-
grado, o morrer da minha existência em dias
que nunca passam, porque sempre repetem-se
na minha cruz crucificada...!

Mas, que importa, se meu Cristo, em zelos
que rompe em chamas, olhando-me com tris-
teza, minha pobre ajuda reclama, para que alce
a Igreja do modo que Ele me mostrara...

Que peregrinar mais longo pelo que cruza
a minha alma... em meu suspirar constante bus-
cando Aquele que me chama...!

Mas, enquanto viva morrendo, hei de estar
em cruz cravada vivendo meu sacerdócio, pre-
sa entre Deus e o homem, como Jesus me en-
sinara...

Nada quero rechaçar, pois com o meu “sim”
fui selada, o dia em que me ofereci por minha
Igreja imolada...

Esposo, estou em tuas mãos! Já nunca te-
merei nada, porque em teu peito embalada, as-
sim, encontro-me arrulhada com amores infini-
tos, já que Deus mesmo abraça-me, como Herói
cheio de zelos, dizendo-me que me ama...!

Tudo aceito, meu Dono, não quero recha-
çar nada; quero pendurada contigo em tua cruz
crucificada, ser glória do Infinito em imolação
calada...

Se é possível, meu Esposo, que este cálice passasse...! Mas se é tua vontade que viva sempre imolada, hei de encontrar a maneira de gozar quando me cravam, pois sei que são teus amores, imolando os que amas, os que me pedem renúncias em silêncios que não acabam...»

1-10-1977

E quantas vezes, desde o 18 de março de 1959, de uma e de outra maneira, Deus mostrou-me a Igreja, tão formosa...!, tão sublime...!, tão divina e tão Senhora...!, Esposa em juventude do Cordeiro Imaculado, desposada com Ele em matrimônio eterno.

Saudade de um passado guardado no segredo e no silêncio da incompreensão, em espera incansável de que chegue o momento depois da minha ida para o Céu, para que possa ser descoberto, segundo o pensamento divino plasmou-o no meu coração, e manifeste-se a realidade profunda e plena da Santa Mãe Igreja, Esposa do Cordeiro Imaculado e imolado, neste duro desterro;

sendo, como Ele e com Ele, desprezada, ultrajada, jogada no chão e chorosa, ofegante e encurvada; ocultando a formosura do seu rosto, a esplendidez da sua juventude, atrás da nuvem de confusão que asfixiantemente intenta afogar o cântico infinito de Cristo a través da Igreja, com as suas lamentações cheias de laceração pelo seu doloroso e desolador Getsêmani:

a Santa Mãe Igreja, que de umas e de outras maneiras, Deus descobriu-a para a minha alma: em seu triunfo de glória e a laceração da sua crucificação incruenta, e segue mostrandome em situação ainda mais dramática, se fosse possível, através deste duro peregrinar; para que a proclame e a manifeste no momento determinado em sua infinita vontade do modo que, antes de ir para a Eternidade, possa realizá-lo; e que agora quero ir deixando transluzir evocando algo de quanto, para que o manifeste, Deus imprimiu no mais profundo, recôndito e lacrado do meu coração.

Pelo que só em retalhos deixei desvelar algumas das lamentações cheias de petições da Igreja na minha alma, o seu queixume no meu peito e os seus amores no meu coração.

Sou o Eco da Igreja, e a Igreja é a minha canção.

* * *

Pelo que também quero trazer à minha lembrança o que o Senhor fez-me viver no dia 8 de abril de 1959, manifestando algo do que ultrapassadamente compreendia, sobrepujada de amor pela minha Santa Mãe Igreja;

quando contemplei-a como uma Rainha enjoiada toda vestida de festa luzindo as suas ricas jóias, como Esposa do Cordeiro;

dia no qual a minha alma, enlouquecida de amor, manifestava-te, Igreja minha, como an-

daluz a que sou, em expressão da minha terra do modo que podia na minha pobreza e sob a minha limitada expressão:

8-4-1959

«Hermosura de la Iglesia»

(Fragmentos)

«Como dói a minha alma em amor pela Igreja...! Como amo a minha Mãe Igreja, tão simples e tão pomba!, tão Rainha, tão Senhora e tão Palavra!, tão repleta de Divindade...!

És toda formosa, Filha de Jerusalém, Igreja engalanada e triunfante...!

[...] Igreja, orgulho meu...! Sim, és meu orgulho, minha glória, meu estandarte e minha coroa, Igreja minha...! Sim, não tenho mais orgulho que ser filha de Deus e filha da Igreja.

Que formosa é a Igreja...! Mas que formosa é a Igreja...! Filha de Jerusalém, que formosa és...!

Estou loucamente enamorada da minha Mãe Igreja... Eu não sabia que alguém podia enamorar-se dela, como enamora-se de Deus.

Eu adoro a Igreja na sua real Cabeça, ainda que tenha muitos membros mortos e outros muito enfermos. Porque, ainda que muitos dos seus filhos tenham-na tão afeada, ainda que esteja vestida de preto e jogada no chão, a Igreja,

ainda que esteja dilacerada e sangrando, ainda que esteja chorando e de luto, e ainda que tenha todas as suas jóias cobertas com um manto preto, é toda formosa!, ainda que seja morena pelos seus filhos manchados.

“És morena, mas formosa, Filha de Jerusalém!; teus olhos são pombas...”⁴⁶. Avança triunfante!, como um exército de amor, que não haverá quem se ponha diante de ti.

Avança, que tu és fecunda com o Pai, cantas com o Verbo e abrasa-te e abrasas de amor com o Espírito Santo todos os teus filhos...!

Igreja minha, Igreja Santa...!, se eu pudesse cantar as tuas glórias..., manifestar a tua formosura e proclamar as tuas grandezas... Mas não, não tenho palavras para cantar-te, nem expressão para lisonjear a minha Igreja Rainha.

Nem toda a grandeza e sabedoria de Salomão, nem as melódicas poesias do Cântico dos Cânticos, nem todos os pintores juntos, nem todos os poetas juntos, nem todos os artistas, nem todos os concertos juntos cantando-te, tentando expressar-te e manifestar-te, podem dizer algo do formosa que Deus te fez, Igreja minha...!

[...] Se és toda formosa, doce e agradável ao paladar de Deus...! És alta, com a tua copa medida no Seio do Pai, alta e esbelta, forte e “terível como um exército em batalha”⁴⁷, disposta a enlouquecer o mesmo Deus de amor...!

⁴⁶ Cf. Ct 1, 5a. 15b.

⁴⁷ Ct 6, 4.

Igreja minha, tu não sofras... Não sofras, [...] Igreja Santa, Igreja Mãe! Que tu és fecunda com a fecundidade do Pai; e cantas...!, cantas com o seu mesmo Filho, o Verbo da Vida!

És fecundamente terrível e cantas numa fecundidade amorosa, expressando com o Verbo; e derrama-te, como bálsamo de misericórdia que sai do Seio do Pai pelo Verbo, abrasada no Amor do Espírito Santo... Igreja minha, tu te derramas em amor misericordioso!

Ai, se eu pudesse cantar a minha Igreja Católica, Apostólica, sob a Sede de Pedro...! Se pudesse cantar-te a canção que te quadra...! Se pudesse dizer-te a todas as almas como eu sinto que te digo na minha...! Se tivesse palavra para expressar-te...!

Mas não existe. Não há mais que uma Palavra que adequadamente expresse o Pai e expresse a Igreja, e é o Verbo.

O Verbo do Pai canta a Este todo o seu ser e toda a sua formosura numa só e silenciosa Palavra. E o mesmo Verbo Encarnado é a Cabeça da Igreja, que canta ao Pai, numa Palavra silenciosa e terrível, toda a formosura da Igreja; e quem canta a sua Canção infinita de amor a Deus e aos homens na Igreja e pela Igreja.

Porque a Igreja tem todos os tesouros do coração de Deus, que se derramam e esparramam do seio do Altíssimo pelo lado aberto de Cristo sobre ela aformoseando-a, “como óleo fino

que, descendo pela barba de Aarão, derramava-se até a gola de suas vestes”⁴⁸.

À Igreja derrama-se-lhe, derrama-se-lhe como uma mantilha branca, toda formosa, o Verbo que sai do Seio do Pai; e derrama-se-lhe em Palavra que canta!

[...] Mas, que engalanada está a Igreja minha, e que Senhora...!

Hoje a Igreja está vestida de branco...!; com uma mantilha branca, branca...!, encima de um pente de adorno, branco também, como coroando as suas têmporas de Rainha, que faz cair a sua mantilha de noiva sobre o rosto bellissimo e luminosíssimo da Igreja, embelezando-a e engalanando-a...!

Está engalanada..., toda vestida de branco..., sem véu de luto...! Toda coberta de jóias, com o seu rosto resplandecente de alegria e felicidade, de plenitude e de vida...!

Ai, que mantilha branca envolve hoje a minha Igreja minha...! Ai, que pente de adorno tão alto e tão senhor está enobrecendo hoje as têmporas e a figura da Igreja Rainha...! Igreja minha, que formosa és...!

Será possível que não possa expressar-te nem dizer-te aos homens...? Sim, tu és toda formosa, Filha de Jerusalém; sim, toda candoro-

⁴⁸ Sl 132, 2.

sa... Tu, a única pomba branca e aformoseada com a brancura, santidade e virgindade do ser de Deus...

[...] Que venham...!, que venham todos os poetas e os músicos e todos os artistas a cantarem à Igreja minha! Vamos ver se podem dizer algo da minha Igreja Santa...? Que eu lhes digo que não, que não há palavra humana para expressá-la...! Só o Verbo Infinito do Pai, a Palavra divina e eterna, pode expressá-la adequadamente como se merece.

[...] Igreja!, és formosa! Nunca te vi assim...! Vi-te enjoiada e de luto, mas nunca te vi derramandote, como te derramas, em santidade, justiça, verdade, misericórdia e amor...! [...] Tu te derramas em maternidade com o Pai, em canção com o Verbo e em amor com o Espírito Santo...!

Ó Igreja Mãe, orgulho da minha *alma-Igreja!* Que formosa és...! [...] De onde tirarei uma palavra adequada para cantar e lisonjear a minha Igreja...? Mas não há palavra humana que a expresse. A Palavra única adequada é a que canta ao Pai em silêncio; por isso eu, Igreja minha, contemplo-te e amo-te, e tenho que ficar em silêncio para poder-te expressar em silêncio com Cristo.

Mas se vejo que se me terminaram as expressões, e tenho hoje que dizer, que lisonjear a Igreja minha...!

Sim, eu sou andaluza e sevilhana, e derramo-me em expressão da minha terra para cantar à Igreja...

Necessito cantar à Igreja como andaluza que sou, e necessito dizer-lhe que tem uma mantilha, uma mantilha branca com um pente de adorno que chega até o Céu...!

Ai, Filha de Jerusalém, ataviada com todas as jóias...! [...] Filha de Jerusalém! O que posso dizer-te eu...? [...] Estou como louca de amor pela Igreja...!

Que venham as férias...! Que venham as férias com todas as suas luzes, com todas as suas danças, com todas as suas alegrias, com todos os seus cânticos, para cantar à Igreja minha...!

Todas as festas...! Todas as festas que se adornem e se engalanem, que a Igreja está tão ataviada com todas as suas jóias...!

Igreja minha, que formosa és! Avança triunfante, Filha de Jerusalém, embelezada e engalanada com todas as jóias que o Esposo divino regala-te no dia das suas Bodas eternas. Igreja minha, avança triunfante!

[...] Como derrama-se de Deus a sua formosura na Igreja...! Como derrama a sua alegria na Igreja, a sua santidade, a sua brancura, a sua paternidade...!

Meu Deus, que grande é a minha Igreja! [...]

Igreja minha..., que formosa és!, quanto te amo!»

Hoje, Filha de Jerusalém, Igreja amada, como poderei seguir vivendo no desterro, diante da contemplação dos mistérios que, recaindo sobre ti, o Senhor quis-me mostrar de tão diversas maneiras, inclinando-se à pequenez e miséria do meu nada e levantando-me à penetração dos seus mistérios sob a luz sapiencial da fé, cheia de amores eternos e repleta de esperança, fazendo-me compreender que à maior miséria mais abundante misericórdia; para que os comunique, ou os deixe transluzir enquanto viva no desterro...?

Já que são tantos e tão diversos, que a minha alma ofegante, na sua busca incansável de dar glória a Deus e vida às almas, espera cheia de saudade o momento da vontade de Deus para introduzir-me com a Igreja gloriosa nas mansões da Eternidade.

E então, e só então, poder-se-á descobrir até o fundo com o conteúdo apertado da sua vida, missão e tragédia, o segredo da minha vida imolada, silenciada pela noite cheia de incompreensão deste peregrinar.

E no dia luminoso do encontro definitivo com Deus, com todos os que «vêm da grande tribulação: lavaram suas vestes e alvejaram-nas no Sangue do Cordeiro»⁴⁹, sentando-nos na mesa do Reino com Abraão, Isaac e Jacó, como filhos da sua numerosa e universal descendên-

⁴⁹ Ap 7, 14.

cia vinda de todos os confins da terra, sere-
mos Igreja triunfante e gloriosa para sempre.

Não tendo que contemplá-la mais com o seu véu de luto e as suas entranhas dilaceradas, jogada no chão e chorosa, ofegante e encurvada, mas como «a Esposa do Cordeiro, Nova e Celestial Jerusalém, Cidade Santa, que não necessita de sol nem de lua que a ilumine, porque a glória de Deus ilumina-a e a sua lâmpada é o Cordeiro»⁵⁰.

E onde entoaremos com todos os Anjos, Arcanjos, Querubins e Serafins, dando glória ao Pai, glória ao Filho e glória ao Espírito Santo, o «Santo, Santo, Santo, é Iahweh dos Exércitos, a sua glória enche toda a terra!»⁵¹,

e o «cântico de louvor a Deus e ao Cordeiro» sendo Igreja gloriosa e triunfante por toda a Eternidade:

«Ouvi depois o rumor como de uma grande multidão, semelhante ao fragor de águas torrenciais e ao ribombar de fortes trovões, aclamando: “Aleluia! Porque o Senhor, o Deus Todo-poderoso passou a reinar! Alegremo-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro, e sua esposa já está pronta”»⁵².

Igreja minha, Nova e Celestial Jerusalém, que formosa és!! Quanto te amo!

⁵⁰ Ap 21, 2. 9. 23. ⁵¹ Is 6, 3.

⁵² Ap 19, 6-7.

AS COLUNAS DA IGREJA

A Igreja é o baluarte onde apoio-me, a força do meu peregrinar e o orgulho do meu viver.

A minha vocação é ser Igreja e fazer de todos Igreja, e por isso Deus mostrou-me a Esposa do Cordeiro como Rainha enjoiada, transbordante e penetrada de Divindade, enobrecida pela mesma santidade de Deus; santa e sem mancha, «forte como exército em batalha»¹, repleta e saturada com todos os dons, frutos e carismas do Espírito Santo, e depositária da mesma Divindade na sua Trindade de Pessoas para, como doadora universal, dar essa mesma Trindade aos homens; sendo ela a maneira, o modo e o estilo por onde a Família Divina pela vida da graça vive com todos e cada um dos seus filhos.

Eu a vi, através da sua Liturgia, como o grande Sacerdote com Cristo, com a sua Cabeça, que, na união de todos os seus membros, oferece-se ao Pai para recebê-lo, responder-lhe e, repletando-se da sua plenitude, embriagar todas as almas de Divindade; com a grande missão, comunicada por Deus, de enxertar todos

¹ Ct 6, 4 = Jl 2, 5.

os homens em Cristo e, recolhendo-os em si, retorná-los ao mesmo Deus como hino de glória e louvor.

Contemplei-a como depositária de Cristo, com toda a sua missão, vida e tragédia, perpetuadora do seu mistério.

E por se era pouco, Deus deu-lhe a sua mesma Mãe para que fosse Mãe de todos e de cada um dos homens...

Eu a vi tão rica, tão repleta, tão enjoiada, tão saturada de Divindade, tanto, tanto, tanto...!, que jamais poderei expressá-lo...

A Igreja é a Arca da Nova Aliança, da qual a arca de Noé foi só símbolo, porque por muitas tormentas que haja, não haverá dilúvio que a possa afundar. Ela se sustém e se embala assemporadamente sobre as águas, sem que haja corrente que a possa arrastar, porque a mão poderosa do Imenso sustenta-a no recôndito segredo do seu coração.

Não há medo de que a Barquinha de Pedro afunde-se!; não há medo!, porque o mesmo Jesus leva os seus remos e a conduz a bom porto.

Pode Deus fazer-se Homem e ocultar-se numa natureza humana; pode fazer-se Pão e ficar na Hóstia branca, e pode perpetuar-se misteriosamente na pessoa do Papa para que este, quando fala como Igreja, ensine-nos o plano divino e confirme-nos na fé, com a segurança da vontade do Pai cumprida e da expressão do

Verbo explicada, sob o amor e o impulso do Espírito Santo...

Não há medo de que a Igreja equivoque-se!; Deus fala por ela...

Não há medo que a Igreja afunde-se!; Deus sustenta-a sobre as águas do dilúvio universal...

Não há medo, porque Deus é a força e o baluarte onde se apóia...!

E porque sou mais Igreja que alma, e antes deixaria de ser alma que Igreja, não posso viver sem Bispo, como não posso viver sem Deus.

E a minha segurança de que vivo na verdade e a comunico, não está tanto no que eu possa ver, mas no enraizamento e na união que tenho com meus Bispos queridos, desde que estes estejam em união completa com o pensamento do Supremo Pastor.

E como experimento-me e sou mais Igreja que alma e mais alma que corpo, se, para mim por um impossível, a Igreja disser a quanto tenho inscrito na alma que «não», pela voz da infalibilidade do Papa,

eu arrancaria a minha alma para dizer o que disser a Igreja; já que sei que quando fala a Igreja como Igreja, é o Verbo quem fala por ela.

E não o faria resmungando, não; o faria como um cântico de rendição e submissão amorosa à minha Santa Mãe Igreja.

Pois Jesus, enchendo o meu espírito de luz e inflamando o meu coração de amor, dignou-se manifestar-me profunda e saborosamente algo do que são os Sucessores dos Apóstolos no seio da Igreja.

O dia da Santíssima Trindade do ano de 1968, ao vir um Sr. Bispo a visitar-nos para presidir uma concelebração de Votos em A Obra da Igreja; o Senhor fez-me compreender, saborear e viver que quando um Bispo entrava na nossa casa, era o mesmo Jesus quem vinha visitar-me, e, portanto, visitar-nos todos; e que, como a Ele, tínhamos que amar, venerar, e corresponder, cheios de agradecimento, no tempo que nos fosse concedido o presente de tê-lo entre nós.

Simple e espiritual comunicação que me fez viver todo aquele dia diante daquele Sr. Bispo que pela primeira vez visitava nossa casa, cheia de um profundo recolhimento e vendo em seu rosto o rosto de Jesus.

Era um dos meus Bispos queridos, aos que eu tinha que venerar e atender como Marta e Maria faziam-no em Betânia com Jesus!

Coisa que ensino a meus filhos, os quais, cheios de gozo, recebem em sua casa os Sucessores dos Apóstolos. [...]

E novamente [...] no dia 7 de janeiro de 1972, também, quando estávamos inaugurando uma das nossas paróquias, e viera benzer a

igreja o Sr. Cardeal da diocese;

estando eu sofrendo durante o Sacrifício Eucarístico da Santa Missa, pela dura prova que meu espírito vem sofrendo desde o ano de 1959, não tendo sido compreendida nem recebida, como Deus queria, com tudo o que, para que o comunique, o Senhor vem manifestando-me desde 18 de março de 1959, com o encargo de ajudar a Santa Mãe Igreja com a descendência que Jesus me pedira para este fim, a qual é A Obra da Igreja, continuadora e perpetuadora da minha missão;

o Senhor, no momento transcendente e sublime da Santa Missa, novamente imprimiu no meu espírito que um Bispo era um dos Doze Apóstolos que em seus Sucessores perpetuavam-se para a consolidação em perpetuação do Povo de Deus, que é a Santa Mãe Igreja;

depositária dos «tesouros da sabedoria e ciência de Deus»², repleta de santidade e saturada de Divindade, sendo Cristo sua Cabeça, sua glória e sua coroa, que trouxe consigo ao seio desta Santa Mãe o Pai e o Espírito Santo, fazendo-a o Santo Templo de Deus e Morada do Altíssimo, pelo mistério esplendoroso da Encarnação, operado nas entranhas da Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja;

onde a Trindade infinita ficou com o homem, e o homem mora com a Trindade, sendo filho de Deus, partícipe da vida divina, e herdeiro da sua glória.

² Cf. Cl 2, 3.

Porque sou e sinto-me mais Igreja que alma, e antes teria que arrancar-me a alma que deixar de ser Igreja Católica, Apostólica e sob a Sede de Pedro, não posso viver sem Bispo como não posso viver sem Deus.

Também em outro dia gloriosíssimo, o dia 5 de abril de 1959, na profundidade da sabedoria divina, cheia de amor no Espírito Santo, o Senhor fez-me penetrar no que era São Pedro no Céu e na terra, perpetuando-se nos seus sucessores como Rei coroado com a sua tiara, com as chaves do Reino dos Céus em suas mãos, para abrir e fechar as portas suntuosas da Eternidade, e permitindo o acesso aos que ele reconhecesse como eleitos de Deus para entrar em seu Reino³.

Pelo que a menor, última, pobrezinha e trêmula das filhas da Igreja, no dia 15 de dezembro de 1996, exclamou com gemidos inenarráveis desde o mais profundo do seu coração, diante da vizinhança do Sucessor de São Pedro, Cabeça visível da Igreja e Pastor universal do Povo de Deus, pelo incalculável e inapreciável presente de que se dignara vir abençoar-me e confortar-me no leito da minha dor:

Obrigada, meu Santíssimo Padre! Obrigada!, mas eu não sou digna de que tenha vindo me visitar tão paternal e misericordiosamente a mais pobre, desvalida e última das filhas da Igreja, quando estava doente.

³ Cf. Mt 16, 19.

Mas como as misericórdias de Deus não têm fim e enchem todas as esperanças de quem n'Ele confia; o Senhor concedeu-me a graça, que sempre guardarei no mais profundo do meu coração como um dos presentes mais apreciados da minha vida, que meu Santíssimo Padre João Paulo II viesse visitar-me quando a impossibilidade física da minha doença não me permitiu ser eu, na pequenez do meu nada, a que fosse a encontrar-me com o Sucessor de São Pedro, a quem tanto amo e tão agradecida me sinto com minha Obra da Igreja;

enfermidade que me faz viver numa imolação constante, em renúncia contínua, a partir de 30 de março de 1959, quando ao contemplar a Igreja que me pedia ajuda coberta com um manto de luto, com as suas entranhas rasgadas pela dor de seus filhos que iam embora do seu seio de Mãe por não conhecê-la bem e, portanto, não amá-la como a Santa Mãe Igreja espera e merece;

ofereci-me a Deus como vítima para glorificá-lo, ajudando a Igreja com quanto, para que o realizasse, Ele manifestou-me e encomendou desde o tempo do Concílio; [...] com o único fim de dar glória a Deus, ajudar a Igreja e dar vida às almas, junto com o Papa e meus Bispos queridos, ajudando-os a realizar a missão essencial que Deus lhes encomendou, como a Sucessores dos Apóstolos, no seio da Santa Mãe Igreja.

JUNTO À SEDE DE PEDRO

Ainda não sei dos seus porquês...
Em Roma vim, meu Dono...!
Mas, em caminho me pus,
movida por um intento
de fazer sempre o teu querer,
fosse o que fosse, meu Eterno.

A viagem foi indizível
em terrível desconcerto:
dificuldades, perigos...!,
penalidades sem conta,
pois duas vezes nos baixaram
do avião avariado
que teve que voltar
desde a pista de vôo,
pela raiva enfurecida
e a insídia do inferno.

Mas, por fim, cheguei em Roma,
junto ao meu Sacrário aberto,
para instalar-me na casa
que Deus nos deu junto a Pedro.

E nela, quanto tenho sofrido...!
desde o dia do meu encerro
entre as suas quatro paredes.

Passando tantos tormentos
entre a vida e a morte,

entre a terra e o Céu,
que quando me perguntava:
Diz-me, Senhor, por que é isto...?,
por que vim sem saber...?,
por que sigo sem sabê-lo...?,
sempre uma doce esperança
vislumbrada nos encontros
do meu sacrário calado,
com meu Jesus, em silêncio.

E chegou o 7 de março
com terrível desconcerto...!
E, entre as minhas enfermidades,
redobram-se os meus dó, s,
aumentaram as minhas dores,
amontoaram-se os meus tormentos,
até ter que correr
a encerrar-me no meu leito.

E cada vez mais afundada,
quase fora deste solo,
de repente...! desde a altura
do meu dormitório em dó,
comecei a experimentar
um sublime e forte encontro
entre a Divindade
e meu ser de amores cheio.

Senti que me enaltecia...!
Nem uma dor ficou no meu corpo,
porque a Divindade
acercou-se com tanto empenho,
que me subiu da terra

para brindar-me consolo,
seu amparo e sua proteção;
tanto, tanto...! que num vôo,
soube que me introduzia
novamente ali no seu seio,
e que Ele me acariciava
como em meus tempos mais bons.

Passei tantos anos
na ausência d'Aquele que anelo,
crendo que nunca mais
o teria neste solo,
que me senti renascer
desde a morte até o Céu...!

Foi um tempo grande e sublime,
selado pelo encontro,
e marcado com o passo
do Infinito Portento.

Era Deus que se lançava
para proteger o Eco
da Igreja atormentado...!,
para brindar-me o consolo
que só Ele pode dar
pelo poderio imenso
da grande sublimidade
do seu sublime mistério.

Tudo mudou para mim
naquele tempo de Céu,
porque pude compreender,
em sublime entendimento,
que a porta da Glória
ficava aberta, em portento,

na minha pobre habitação,
porque Deus veio ao meu encontro.

«Os Portões da Glória...!»
«esta é a Porta do Céu...!»
«porque Deus se arremessou!»:
repetia eu no meu empenho
de mostrar àqueles filhos
que, junto a mim, compreenderam
que algo muito grande passava
entre o Imenso e seu Eco.

Eu não sei se morrerei
ou ainda seguirei vivendo,
mas, se fosse chegado
para mim já o Gozo eterno,
a «Porta do Céu» está
no quarto do encontro.

Fazia já tantos meses...!,
tantos anos e tão densos...!
que não encontrava meu Deus
como em meus tempos primeiros,
que esta glória que vivi,
ao lançar-se a mim o Eterno,
encheu-me de tal força
com a marca dos seus zelos,
que fiquei indiferente,
pelo passo do Imenso,
entre a vida e a morte,
entre a terra e o céu;
pois só o que Deus quiser
é, para mim, o melhor.

E foi a Divindade...!,
em seu poderio eterno,
quem se lançou a acariciar-me
em seu abraço e com seu beijo,
em divina compaixão
e em sublime amor perfeito,
à habitação simples
do seu pobre Eco em dó.

Sim, foi a Divindade...!
isto bem que o sei, e certo!,
porque a sublimidade
daquele tão sublime encontro
consistiu em que o Deus bendito,
com seu poderio eterno,
introduziu-se no quartinho,
tão diminuto e pequeno,
que me preparei em Roma,
junto à Sede de Pedro.

Eu não sei o que aconteceu
desde o dia do encontro...
Só sei que Deus virá
para levar-me ao seu seio
o dia que Ele determinar
que concluiu o meu tempo.

Uma dúvida me ficou:
É que se acerca meu vôo
e veio a preparar-me
para levantar-me ao Céu...?,
ou é que abre meus caminhos,
preparando-me, em seu empenho,

para cumprir a missão
completa que Ele, em mim, pôs...?

Tudo é indiferente...:
«Glória de Deus!», «só isso!»,
novamente se gravou
na medula do peito.

Não importa o que me custe
morrer ou seguir vivendo.
Nada importa!, filhos queridos;
só a sua glória desejo!

Mas que a gosto se está
junto à Sede de Pedro,
e tendo encontrado Deus
como em meus dias mais bons...!,
que me fazem estar viva,
com grande vigor, ainda que esteja morrendo
pelas dores contínuas,
que são tão duras, tão ferozes,
que já não existe a noite
para descansar meu corpo.

Sempre pensando, meus filhos...!,
mas sempre com gozo novo
por saber que o Deus bendito
é quem tem querido isto.

Vim para Roma e aqui estou,
neste pequeno encerro,
esperando que Deus fale
e me expresse seus desejos,
para fazer quanto me mande,
seja o que for isto.

Aqui estou...! Encontro-me em Roma...!,
junto à Sede de Pedro...!
como sempre eu sonhara,
diante do anelo que sinto
de ajudar, como eu possa,
a minha Mãe Igreja em dó.

Tem sido o que tenho vivido
tão sublime e tão certo,
que já não me fica dúvida;
o querer de Deus compreendo:
meu lugar está marcado
pela força d'Aquele que espero:

Roma é onde hei de estar,
já que em Roma vive Pedro
em quem o perpetua
ao longo dos tempos;
quem um dia contemplara
glorioso com a sua tiara
junto às portas do Céu,
para abrir a quem chegasse
com a marca do Cordeiro,
que em sua frente o selava
como filho do Eterno,
e Pedro os adentrava
nas Bodas do Cordeiro.

Filhos da minha alma ferida,
já aprendi a sabê-lo:

É tanto o que tenho vivido
e o que sigo vivendo,
que meu lugar já está em Roma
junto à Sede de Pedro,

bem para ficar aqui
ou para ir para o Céu.

Compreendei-me, filhos da Espanha:
Quanto vos amo em meus zelos,
pois me sois glória de Deus
com empenhos que não expresso...!,
mas meu posto está em Roma
junto à Sede de Pedro...!
onde se abrem as Portas
suntuosas dos Céus.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia

Coleção
Luz na noite
O mistério da fé
dado em sabedoria amorosa

Nº 12



Ediciones La Obra de la Iglesia